

O CARINHO DAS PALAVRAS

Não me lembro de ter dado um grande abraço em meu vô materno. Houve sempre uma dificuldade de lidar com o carinho físico em nossa relação. Isso não ocorria entre ele e minha irmã ou, mesmo, entre ele e uma desconhecida qualquer. O problema, se é que havia um problema, era entre ele e eu. De qualquer modo, a importância deste vô, muito se relacionou com suas “lições” sobre o amor.

Fui seu segundo neto, mas apenas nos últimos seis anos, quando trabalhei como seu motorista, nos tornamos confidentes. O trabalho era propício para isto, o rádio do carro nunca era ligado e quase sempre ficávamos horas no trânsito, o que nos levava a conversar muito. Conversávamos sobre vários assuntos: minha experiência na faculdade de filosofia, antigos e novos professores, alguns livros de meu interesse, artigos que ele escrevera, política, nossa família e, principalmente, sobre as mulheres.

Na maioria das vezes que conversávamos sobre o amor, eu me comportava como um idiota que sempre está com a razão, especialmente, quando a minha posição era a contrária da dele. Se ele gostava tanto de ser o socialista e revolucionário Florestan, não me restava opção, a não ser representar o romântico, o sonhador, o apaixonado Eusébio. Não que ele não fosse um pouco de Eusébio também, talvez até fosse mais do que eu, mas ele era meu vô e concordou com a minha brincadeira.

Seu discurso baseava-se na família, na amizade, na segurança e na serenidade. E estas deveriam ser a base para todas as relações afetivas. Ele contava sua própria história como se fosse o exemplo natural de quem sempre procurou alcançar uma estabilidade e, portanto, ser feliz.

Por outro lado, as relações afetivas deveriam dividir espaço com o trabalho e as responsabilidades sociais. Guiar a própria vida de acordo com uma paixão seria uma fraqueza de caráter. Dualista convicto, ele acreditava que as paixões, ainda que fossem inevitáveis, deveriam ser curadas.

Não sei ao certo se era exatamente isso o que ele pensava, mas para mim, este era o meu vô que enfrentava o trânsito comigo. E, para desgosto dele, eu era um neto que se apaixonava com muito mais frequência do que mergulhava nos livros (meu trabalho).

Tínhamos, portanto, um problema para ser resolvido: um neto pouco trabalhador e com uma grande tendência para ser infeliz. De qualquer maneira, fui eu que inventei a brincadeira, fui eu que pedi seus conselhos e sua ajuda mas é claro que isto fatalmente nos levava ao confronto de posições.

Eu poderia falar inúmeros ‘causos’ relacionados com nossas conversas, histórias muito bonitas que ele contava para ilustrar sua posição, ou as atitudes dele para me proteger das minhas paixões. Quase sempre eu conseguia convencê-lo do encanto de minhas mulheres impossíveis. Uma vez, tentei assumir o projeto de ter uma única mulher, uma forte candidata a esposa. Eu fiz exatamente como imaginava ser um relacionamento estável para ele. Fui um fracasso. Ele me ajudou a entender os ganhos desta experiência. Aos poucos, já não havia disputa em nossas conversas, nós nos misturamos em nossas histórias.

E assim foi durante seis anos, eu adorava contar sobre meus amores, e ele parecia me ouvir com muito entusiasmo. Levava a sério tudo o que eu contava, mas sempre procurava mostrar que nada seria definitivo no amor. Quando ele morreu, soube que havia perdido um grande companheiro, alguém que sabia me confortar.

No último dia em que o vi, num quarto de hospital, ele tinha os braços amarrados e canos por toda parte do corpo seminu. Não podia conversar, nem olhar para mim. Eu não pude fazer nada, a não ser um cafuné em sua cabeça. Ele ficou muito agitado e, com gestos, indicou que gostaria de ser desamarrado; uma enfermeira fez o que ele pediu para que ele mostrasse onde doía; com os braços soltos, ele se acalmou e acarinhou suas mãos.

Paulo Henrique Fernandes Silveira, neto de Florestan Fernandes

A Associação dos Docentes da USP e a Comissão Editorial da Revista Adusp agradecem à família do professor Florestan Fernandes e ao seu amigo e colaborador direto Vladimir Sacchetta, sem os quais não teria sido possível a realização desta edição especial.

22/7/1920 • 10/8/1995



APRESENTAÇÃO

O Brasil acaba de perder o seu intelectual mais identificado com os problemas sociais dos trabalhadores, socialista convicto e militante ativo da causa dos deserdados. Tudo o que se pode enaltecer de seu trabalho, de sua produção acadêmica e científica e de suas memoráveis lutas políticas é muito pouco. Foi-se o homem, ficou a fama, como nos versos da canção popular. Somando-se às justas homenagens que estão ocorrendo em todo o país, a Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo procurou reunir nesta edição especial de sua revista um pouco do trabalho de Florestan e a dor de sua perda. Desde a sua fundação, em 1976, a Adusp sempre contou com o apoio efetivo do sociólogo que, naquela data, ainda amargando as durezas de sua cassação política, não deixava de batalhar pela organização dos docentes numa entidade que viesse a defendê-los em suas mais justas reivindicações.

Após a anistia, conquistada pelas forças democráticas do país, em 1979, Florestan retorna às aulas para dedicar-se com mais ênfase ao trabalho de que tanto gostava: ensinar. Sem se descuidar de suas atividades acadêmicas, ele irá se juntar ao esforço notável de várias lideranças sindicais e políticas combativas, que iriam contribuir para a fundação do Partido dos Trabalhadores, ao qual veio se associar mais tarde. Como professor, pesquisador e, a partir de 1987, deputado federal pelo PT, Florestan foi um exemplo de brasileiro, que enchia de orgulho as novas gerações de universitários e de trabalhadores, que o prestigiavam com o seu voto e a admiração pela sua coerência de idéias.

Sem dispor de uma equipe numerosa, mas motivada pelo desafio, a *Revista Adusp* saiu a campo e, com a ajuda de amigos e admiradores de Florestan, conseguiu reunir aqui um conjunto de matérias que reflete um pouco o perfil do homenageado. É um trabalho que se soma a vários outros que estão sendo editados, procurando dar o merecido brilho que Florestan Fernandes soube conquistar. Que o seu exemplo possa contribuir tanto para a melhoria das condições do trabalho acadêmico, como, também, para o resgate da cidadania dos milhões de deserdados deste país tão rico e tão desigual.

DIRETORIA

Marco A. Brinati, Osvaldo Coggiola, Jair Borin, Heloísa D. Borsari, Valéria De Marco,
Primavera Borelli, José Nivaldo Garcia, Antonio César Fagundes,
José Marcelino Rezende Pinto, Ozírde Manzolli Neto.

Comissão Editorial

Adilson O. Citelli, Bernardo Kucinski, Fernando Leite Perrone,
Francisco Gorgônio da Nóbrega, Khaled Goubar,
Lígia M. Marcondes Machado, Nilza Nunes da Silva e Zilda M. Gricoli Iokoi.

Editor: Marcos Luiz Cripa vd
Editoração eletrônica: Maria Cristina Waligora e Luís Ricardo Câmara.
Capa: Doriana Madeira/Argeu Godoy
Foto da capa: Éder Luis Medeiros/Folha Imagem
Foto da pág. 4: Daniel R. Garcia
Projeto Gráfico: Dmag - Artes Gráficas
Revisão: Francisco José Mendonça Couto
Secretaria: Alexandra Moretti Carillo e Rogério Yamamoto.
Distribuição: Marcelo Chaves e Walter dos Anjos.
Fotolitos: Paper Express
Gráfica: Bandeirante

Tiragem: 5.000 exemplares

Adusp - S. Sind.

Av. Prof. Luciano Gualberto, trav. J, 374
Cidade Universitária - São Paulo - SP
CEP 05508-900
Telefones: (011) 813-5573/818-4465/818-4466
Fax: (011) 814-1715

A **Revista Adusp** é uma publicação trimestral da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo - S. Sind., destinada aos associados. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da diretoria da entidade e são de responsabilidade dos autores. Contribuições serão aceitas desde que os textos inéditos sejam entregues em disquete e tenham no mínimo dez mil e no máximo vinte mil caracteres. Os artigos serão avaliados pela Comissão Editorial, que decidirá sobre seu aproveitamento.

ÍNDICE

8

UNIVERSIDADE E TALENTO

Florestan Fernandes

12

REFLEXÕES SOBRE O SOCIALISMO E A AUTO-EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES

Florestan Fernandes

19

DITADURA MILITAR PROFESSORES PUNIDOS PELA CONGREGAÇÃO

Florestan Fernandes

20

OBRA

(organizada por Vladimir Sacchetta)

22

Entrevista

FLORESTAN FERNANDES JR. E HELOÍSA R. FERNANDES

28

PARA SAUDAR UM GRANDE HOMEM

Antonio Candido

30

ADEUS

Miriam Limoeiro Cardoso

32

CONFLUÊNCIAS E CONTRAÇÕES DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA

Jacob Gorender

34

FLORESTAN FERNANDES E O SOCIALISMO

Oswaldo Coggiola

39

ÁLBUM

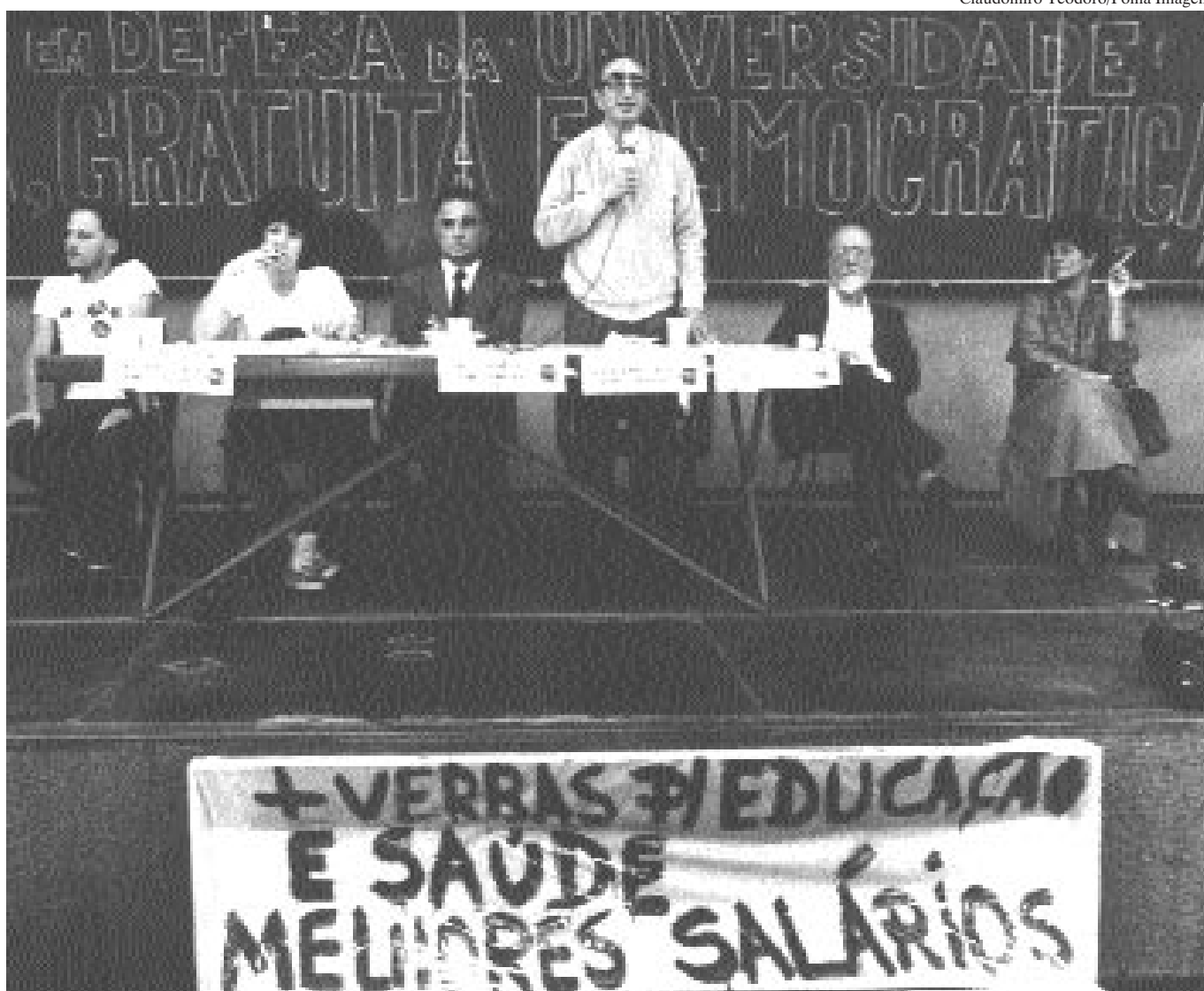
42

HOMENAGENS

Frei Betto e José de Souza Martins

UNIVERSIDADE E TALENTO

Claudio Teodoro/Folha Imagem



*Neste artigo, redigido no ano passado, **Florestan Fernandes** analisa a crise da educação no Brasil. Para ele, nunca existiu uma política educacional que atendesse aos interesses dos mais necessitados. O Estado não priorizou e não prioriza o ensino gratuito e a pesquisa. Quanto à USP, Florestan lamenta que ela tenha conferido à antiga Faculdade de Pedagogia e à Licenciatura o segundo plano, não assumindo sua vocação de formadora do quadro docente.*

A universidade enfrenta uma crise de alcance mundial. Já escrevi sobre o assunto, que, aliás, preocupa muitos estudiosos. A situação brasileira é peculiar, porque atravessamos rápido demais a transição do capitalismo competitivo para o capitalismo oligopolista; e este se alterou em seus dinamismos econômicos e culturais antes que tivéssemos nos adaptado ao modelo anterior. Toda uma infra-estrutura, montada principalmente às custas do poder político, foi obsoletizada nas duas transformações sucessivas. E o grande beneficiário dos investimentos públicos e do processo de acumulação “primitiva”, a firma gigante estrangeira, agora exige um marco zero como novo ponto de partida, com a privatização das estruturas criadas pelo intervencionismo estatal, sob as bandeiras contraditórias do “nacionalismo econômico” e da “modernização” com vistas à “incorporação no primeiro mundo”. Poucos países erraram tanto em suas políticas econômicas e devastaram maior soma de recursos materiais e humanos no altar do “desenvolvimento econômico”, primeiro, e da “aceleração do desenvolvimento econômico”, depois. Mas não aprendemos a lição. A ilusão continua de pé e o governo, juntamente com as elites no poder das classes dominantes, barafustou pela última alternativa, certos que as contas não sairão de seus bolsos, mas dos cofres públicos.

Isso quer dizer que as chamadas “políticas educacionais” das várias repúblicas deste século nunca existiram. Se elas tivessem

realidade, o Estado daria, forçosamente, prioridade, no ensino gratuito e de qualidade em todos os graus, à pesquisa básica em todos os ramos do saber, à pesquisa científica aplicada e à invenção tecnológica original, para evitar exatamente o que aconteceu - o que fizeram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão. A autonomia da produção do saber e do pensamento inventivo representam os alvos essenciais de uma Nação que pretenda crescer e di-

As chamadas “políticas educacionais” das várias repúblicas deste século nunca existiram. Se elas tivessem realidade, o Estado daria, forçosamente, prioridade, no ensino gratuito e de qualidade em todos os graus, à pesquisa básica em todos os ramos do saber, à pesquisa científica aplicada e à invenção tecnológica original.

ferenciar-se através do capitalismo. Este possui duas faces distintas. Ao lado de uma interdependência inevitável, coexistem, no plano internacional, os países capitalistas hegemônicos, cuja expansão é relativamente auto-sustentada, e os países de origem colonial ou não, cujo crescimento é neocolonial, dependentes ou associados, os quais transferem para o exterior parcelas variáveis do excedente econômico, pilhadas através das técnicas econômicas, culturais e políticas do imperialismo. Quanto maior for a relação entre o excedente econômico gerado e as alíquotas apropriadas pelas nações capitalistas hegemônicas, maior será a tendência dos países explorados em

combinar alta concentração da riqueza, da cultura e de poder nas mãos de minorias privilegiadas e a crescente concentração de miséria, de ignorância e de subalternização nas inúmeras maiorias dos de baixo. As classes sociais funcionam como bombas de sucção: os que mandam reproduzem com maior dureza os processos de exploração aplicados pelas nações capitalistas centrais (o que levou alguns autores a usar o conceito de “colonialismo interno”, pouco preciso por ocultar as manifestações efetivas da luta de classes e da dominação imperialista). Em conseqüência, o que sobra do excedente econômico vai predominantemente para as funções de acumulação de capital do Estado. Destinam-se recursos mínimos para as demais funções, vinculadas à educação escolar, aos serviços de saúde e de assistência social ou de habitação etc. Não são as escolas que barram e expulsam os pobres da seleção po-

sitiva. É a estrutura de classes sociais que impede qualquer forma de distribuição das oportunidades educacionais entre todas as classes, marginalizando as classes subalternas da participação educacional, cultural e política “equitativa” e “democrática”.

Uma “política educacional”, aberta para a formação e o peneiramento do talento, compreende a pré-escola e os demais graus de ensino. E deve ser, necessariamente, seletiva a nível vocacional. A crítica corrente, sobre o “elitismo”, pressupõe equívocos circulares. Ela envolve um lapso contra-ideológico, que contém efeito boomerang. O nosso ensino, especialmente no segundo grau, mas de modo particular na graduação

e pós-graduação, não é elitista - constitui um monopólio das elites das classes dominantes. A alta qualidade do ensino interessa aos setores das classes sociais dos dois níveis inferiores, trabalhadoras ou médias. A antiga concepção da educação escolar como um ascensor social, apesar de insustentável, continha aí o seu grão de congruência com o regime de classes e o caráter competitivo da sociedade capitalista. Em certas condições históricas, ela corresponde às exigências educacionais e psicoculturais da mobilidade social. Quando foi fundada, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras respondia a uma ideologia "oficial" das elites no poder, de buscar meios de ampliação e renovação através de "sangue novo". Vilfredo Pareto e outros cientistas sociais analisaram esse processo, que surge imperativamente quando as elites das classes dominantes "envelhecem" e "declinam" ou em circunstâncias especiais, nas quais após uma prolongada exclusão voltam para o interior da classe dominante (ou estamento; ou casta) a única viabilidade da "renovação das elites" (o que também pode ocorrer como efeito de invasões ou da imigração). A licenciatura surgiu nesse contexto, que lhe foi favorável, porque houve extensa passagem de professores de segundo grau e de escolas normais para o ensino superior, patrocinado e amparado pelo poder público estadual. A experiência, a maturidade e por vezes a vocação desses professores asseguraram um corpo estudantil sofisticado, crítico e ansioso por encontrar alguma via de sair da rotina e de conseguir o ensejo de lançarem-se em outra linha de competição profissional.

A programação do curso de didática subordinou-se ao objetivo de formar professores com comprovado nível de profissionalização. Por isso, a escolha das matérias e os conteúdos dos cursos foram mais teóricos do que práticos. Professores ideais para alunos ideais de uma escola ideal. Esse nexos sustentou os resultados positivos alcançados e, ao mesmo



A "carreira de professor" perdeu suas lantejoulas, tornando-se pouco atrativa: só a vocação ou um grau profundo de curiosidade pela socialização dos adolescentes garantiam uma procura oscilante.

tempo, alimentou a fonte dos malogros ocidentais que se seguiram. Nas três primeiras décadas, os professores licenciados possuíam uma reserva de mercado e o professor de segundo grau e de escola normal desfrutava de prestígio social que o situava aproximadamente (embora de maneira nebulosa) nas cercanias do profissional liberal. Além disso, o professor conseguia um salário que permitia sustentar as aparências e uma tradição estamental o protegia de quedas abruptas e constan-

tes de avaliação. Acresce que muitos lograram manter-se na universidade, como assistentes e professores contratados ou catedráticos. Era uma minoria que se amparava em *status* próprio, que a punha em um nível de reputação social equivalente ao *top* dos profissionais liberais mais considerados. No planejamento global, nunca se tentou um teste precoce do "produto real" da licenciatura. Os professores mais atilados ou corajosos sabiam que deviam fazer adaptações pedagógicas sérias, em benefício dos estudantes e de suas futuras tarefas como professores. Porém, o Frankenstein teórico e prático permaneceu, sem modificações pedagógicas estruturais e dinâmicas, por muito tempo.

Enquanto isso, a sociedade inclusiva alterou-se e o objetivo de formar professores sofreu diversos deslocamentos e outras tantas deformações correspondentes. O próprio professor de segundo grau enfrentou um processo de desnivelamento persistente, perdendo prestígio, renda e condições de auto-realização pedagógica propícias. Em suma, a "carreira de professor" perdeu suas lantejoulas, tornando-se pouco atrativa: só a vocação ou um grau profundo de curiosidade pela socialização dos adolescentes garantiam uma procura oscilante. Paralelamente, a ênfase (que começa com a ditadura militar mas aumentou progressivamente, pela incorporação do Brasil na economia oligopolista mundial) foi posta na formação de massas de estudantes dos cursos técnicos e da graduação e pós-graduação, nas quais se difundiu a ambição do "profissional para a iniciativa privada". A licenciatura perdia sentido para duas categorias importantes de alunos: os que pretendiam "seguir

a carreira universitária”; e os que buscavam os melhores salários nos melhores empregos, fazendo a conexão entre “empresa e universidade” ao nível profissional.

Essas alterações teriam de afetar o número de candidatos à licenciatura e o grau de atração pela imaginação pedagógica. É preciso que se reconheça objetivamente: isso não acarretava uma natural deterioração da licenciatura. Ao contrário, punha em questão a sua especificidade e o modelo de realizá-la. Quando saí da USP a situação estava nesse pé e não tive ocasião de ir além das reflexões alinhadas acima. Descobri que a Faculdade de Educação encetou uma evolução que não se previa, muito instigante e produtiva. E que, dentro dos altos e baixos dos obstáculos que a USP ergue à renovação fora e acima de certos campos de ensino e investigação, ela se equipou para dar um sentido mais provocativo à formação do professor. Daí a preocupação que orientou a escolha do tema deste artigo. O talento conta como o alfa e o ômega das funções cruciais da universidade. E cabe aos professores conclamar o corpo coletivo da instituição em que trabalham para essa função. Não porque o número de professores formados seja pequeno. Mas porque o talento permeia ou é o nervo vital da existência de uma matéria-prima (perdõem-me a liberdade) que valha a pena, o estudante, de uma universidade com força criadora e de uma sociedade com condições para forjar a sua autonomia cultural, base do seu desenvolvimento econômico relativamente auto-sustentado, da revolução cultural e da revolução democrática.

O maior erro que ocorreu na USP foi o de conferir à antiga Faculdade de Pedagogia e à licenciatura o segundo plano, de companheiros de viagem de terceira qualidade. Desde o início, a Pedagogia deveria, pelo menos, ter uma preeminência à Filosofia. Trazer bons professores do exterior e fomentar a sua influência interna segundo ritmos intensos. E difundir representações que expusessem a pedagogia como o eixo das esperanças, que movia a USP e a Faculdade

O maior erro que ocorreu na USP foi o de conferir à antiga Faculdade de Pedagogia e à licenciatura o segundo plano, de companheiros de viagem de terceira qualidade. Desde o início, a Pedagogia deveria, pelo menos, ter uma preeminência à Filosofia. Trazer bons professores do exterior e fomentar a sua influência interna segundo ritmos intensos.

de Filosofia, Ciências e Letras. Correlatamente, os alunos que se destinavam à licenciatura e pretendiam devotar-se ao ensino deviam aprender que abraçavam uma vocação complexa e fundamental. Cabia aos professores do curso de pedagogia e da licenciatura ou do curso de filosofia assinalar a importância nuclear do talento virgem e do seu polimento na universidade. A tarefa ficou, por algum tempo, nas mãos de sociólogos e esfumou-se, como se a Nação de origem colonial e dependente não devesse bater-se pela seleção e aproveitamento dos talentos, de todas as magnitudes, com os olhos voltados para den-

tro e para baixo. A universidade condenou-se a subsistir como prisioneira das elites das classes dominantes e não percebeu que dependia dos professores para associar a imaginação pedagógica a um novo estilo de cultivar e estimular os talentos para atividades que transcendiam aos “interesses empresariais” e ao “crescimento econômico”.

Uma “política educacional” pioneira e transformadora deve centrar-se na associação recíproca da atividade docente crítica e do despertar do talento inconformista. O que se pretende? Integrar o jovem à estrutura e ao funcionamento do maquinismo ou da empresa? Ou conduzir a Nação emergente em sua auto-emancipação coletiva? A imaginação pedagógica nutre-se de conhecimentos teóricos e de procedimentos práticos que agitam a organização e os conteúdos da personalidade. Ela não pode ser excluída das correntes culturais, sociais e políticas que mudam dia-a-dia o porvir do Brasil. No ponto zero, pretendeu-se que a universidade fosse a serva dos poderosos e de seus privilégios. Hoje, o que se quer é que a universidade contribua para a libertação dos oprimidos e que promova, entre os de baixo, uma forte aspiração de combater o embrutecimento, de promover a desalienação e desvendar o seu talento para si, para a sua classe e para a coletividade. O talento como detonador social? E ele valerá alguma coisa, em si e por si, se não escapar à rotina, ao estrangulamento da profissão como um fim exclusivo, à tirania da ordem?

REFLEXÕES SOBRE O SOCIALISMO E A AUTO-EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES

Luiz Carlos Murauskas/Folha Imagem

*Em 1991, ainda investido do mandato de deputado federal, Florestan Fernandes fez palestra no Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, para o seu público preferido: os trabalhadores. Durante duas horas e meia, ele debateu com os metalúrgicos a questão das vias para a emancipação social da classe operária. Ao longo de seus dois mandatos como deputado federal, Florestan procurou manter permanentemente contato com os trabalhadores, não se limitando às discussões de caráter legislativo. A Revista Adusp reproduz, pela primeira vez na íntegra, a intervenção inicial do professor Florestan Fernandes. O texto completo, inclusive o debate, será publicado este ano no livro **Em busca do socialismo**, pela Editora Xamã.*



Existe uma crise profunda em toda a civilização ocidental. Seria algo estranho que essa crise não se refletisse no marxismo. O dialético também seria que a crise atingisse o marxismo. Muitos dos argumentos usados para desqualificar o marxismo são mais de natureza capitalista que de natureza operária e não têm uma base objetiva, que poderíamos chamar de lógica ou científica.

Se se toma a melhor enciclopédia que já se publicou em ciências sociais, que não é a mais recente - foi editada no final de 1929 em 15 volumes e trazia uma contribuição internacional de primeira ordem -, sobre a palavra socialismo vem uma discussão a respeito do que é a concepção marxista do socialismo. Isso é um ponto de referência muito importante para que se entenda que, no quadro da produção das idéias que conduziram à formação do socialismo, o marxismo foi considerado a tendência mais importante. Em torno do socialismo de orientação marxista vai se constituir a social-democracia europeia, no início, e os partidos socialistas que surgiram em diferentes lugares da Europa e, depois, em outras partes.

Aqui tentarei sintetizar a visão originária do socialismo, que considerava a classe trabalhadora como a única classe revolucionária na sociedade capitalista e a única classe que tinha interesses e potencial de luta política suficientemente forte para transformar a ordem social existente e destruir o capitalismo.

É necessário lembrar que a desagregação da sociedade feudal produziu a separação do produtor dos meios de produção. Considerando uma área da produção, de tecidos ou de sapatos, por exemplo, vamos supor que existissem trabalhadores artesãos que produziam em pequenas oficinas, como costureiras que produziam em suas próprias casas. No fim do mundo feudal, através principalmente de uma acumulação de capital que se dá pela via comercial, surgiram recursos e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento do conhecimento, surgiram técnicas que permitiram uma nova forma de produção. A sociedade feudal era uma sociedade que dispersava o poder dos senhores e permitia que a burguesia crescesse e se fortalecesse, através do comércio lo-

cal, nacional e internacional, ou da exploração de regiões coloniais. Mas o fato é que no fim há um problema mais complicado, porque há mais de uma forma de acumulação de riquezas ao longo da sociedade feudal, com o próprio senhor feudal assaltando, cobrando direito de passagem e segurança; com o aparecimento de uma religião que valorizava a austeridade, que foi o protestantismo; com a existência do entesouramento, que se expande através da acumulação de riquezas que procediam da usura, do comércio e das primeiras grandes tentativas de "colonização", envolvendo as navegações, a descoberta da Ásia, América e África. Então, surgiram várias formas de acumulação de riquezas, inclusive a dos artesãos.

Entre os mestres artesanais apareceram pessoas que usavam os aprendizes ou mestres que não possuíam recursos para ter suas próprias oficinas ou seus próprios estabelecimentos. Aqueles mestres, então, acumularam riquezas.

Constitui-se, então, um ser humano com recursos econômicos para concentrar em suas mãos riquezas suficientes para comprar os meios de produção e gerar um novo tipo de economia. Essa evolução é muito complexa e exigiria um curso de história econômica. Mas os trabalhadores, os produtores diretos, por exemplo os servos, o artesão que trabalhava individualmente, o artesão que não tinha recursos para gerir um estabelecimento em condições de expandir-se, ser-

vem de pilar para uma forma de apropriação que excluía o produtor dos meios de produção.

Formam-se vários modos de expropriação, de onde nasce um novo tipo de propriedade, que é a propriedade privada moderna. Em torno dessa propriedade moderna individual dos meios de produção é que vai desenvolver-se a produção capitalista.

Exemplo: um negociante numa cidade inglesa, que conhecia pessoas que produziam um determinado produto em suas casas, criava uma empresa, uma fábrica, e comprava desses trabalhadores suas máquinas. Esses trabalhadores iam vender depois o seu trabalho, como mercadoria, para aquele negociante. De outro lado, toda a gente que morava no campo e se viu expropriada de suas terras vai parar na cidade e servir de mão-de-obra. Emerge o embrião da empresa moderna, na qual há uma con-

Tentarei sintetizar a visão originária do socialismo, que considerava a classe trabalhadora como a única classe revolucionária na sociedade capitalista e a única classe que tinha interesses e potencial de luta política suficientemente forte para transformar a ordem social existente e destruir o capitalismo.

centração dos meios de produção. É uma invenção, dentro da tecnologia existente, que tornou possível criar essa nova maneira de organizar a produção e de submeter, através do dinheiro, aquele agente econômico fraco à condição de vendedor da sua força de trabalho. Esse agente econômico pode ficar morando no próprio local ou se desloca e mora em uma cidade, em áreas muito miseráveis, como é descrito em vários livros, inclusive o de Engels, sobre o trabalhador na Inglaterra em 1844.

Quer dizer, as cidades se diferenciavam, há uma concentração maior da população nas cidades, e ocorre, também, a importação simultânea de artifícios mais qualificados, por exemplo, franceses e espanhóis, que eram hábeis em certas especialidades. Existe um grande movimento na população e ela cresce tanto por via da migração quanto da reprodução.

Esta nova forma de propriedade, ligada ao capital, é o recurso que permite o início do processo capitalista de produção. O trabalho transforma-se em mercadoria, pois o produtor deixa de produzir para si próprio e para a família e passa a vender sua capacidade de trabalho para o proprietário do capital. O que caracterizava o sistema feudal era que quem quisesse um par de sapatos iria a um artífice e encomendava-o; poderia esperar um ou dois meses, mas obtinha o par de sapatos. O processo era esse, não havia estoques de produtos em todos os ramos.

Com a nova invenção, o produto cresce em massa e descobre-se um mercado diferente, que iria crescer, aumentar e difundir-se por toda parte em seguida.

Assim se compõe a nova forma de produção, ligando capital e trabalho entre si. O capitalista, graças a essa nova forma de produção e de propriedade, passa a administrar uma fábrica. Ele não comprava a pessoa do trabalhador. Mas as horas de trabalho dele, por exemplo, 12 ou 15 horas. Nesse período de tempo, o trabalhador não produzia só aquilo que o capitalista estava lhe pagando; ele produzia o equivalente ao que recebia e mais uma certa quantidade de produtos. Um exemplo, com 12 horas: em 6 horas ele produzia o equivalente que recebia; nas outras 6 horas, ele produzia um excedente econômico, que ficava com o capitalista. Essa é a nova forma de exploração: o produtor não recebia todo o equivalente por aquilo que produziu, mas

apenas a metade, dois terços ou um terço etc. Quando se trata de acumulação simples, o capitalista elevava a exploração, aumentando a jornada de trabalho. Em vez de ficar 12 horas trabalhando, ele ficava 16 ou 18 horas. O que ele produziu a mais pertencia ao capitalista. A extensão da jornada de trabalho permitia intensificar a exploração do trabalho não pago.

O capitalismo, no sentido específico, surge quando a acumulação acelerada do capital se dá. Quer dizer, além do que foi descrito: quando a ciência, a tecnologia, a organização da produção fazem com que o indivíduo, em vez de produzir o equivalente ao que ganharia em 6 horas, passe a produzi-lo em três ou quatro horas, e a extração do excedente, a mais-valia, expande-se constantemente e o dono do capital se apropria de todo o produto. Essa é a chamada acumulação capitalista acelerada - ela revoluciona a produção moderna. À medida que a técnica evolui e multiplica a produtividade do produtor direto, o capital cresce com maior rapidez.

É isso que caracteriza o aparecimento do capitalismo em termos históricos e estruturais. O produtor é despojado dos meios de produção, que passam para as mãos do capitalista. Através da técnica, este utiliza os meios de produção, gerando um produto maior, enquanto o trabalhador se vê despojado desse excedente. Isso quer dizer que a exploração se localiza ao nível da produção, no qual se dá a espoliação do agente de trabalho sob o capitalismo. É muito importante entender esse esquema para se compreender que aquele que trabalha está numa situação tal que vai ser sempre explorado, qualquer que seja o progresso da organização da produção. Pois a acumulação simples desaparece, mas fica embutida na acumulação ampliada e acelerada; e esta acumulação atribuirá ao capital industrial maior dinamismo. Portanto, capital e trabalho vão ter uma relação dialética entre si. O capital precisa do trabalho assalariado para crescer, e o trabalho assalariado, por sua vez, precisa do capital, porque o trabalhador não tem meios de subsistência e reprodução dele próprio como trabalhador e de sua família. Dentro dessa estrutura há um antagonismo entre capital e trabalho que é irreduzível, porque a função do capital

Não é o trabalhador que é a mercadoria:

ele não é um escravo nem um servo,

em sentido literal. Ele só vende sua

força de trabalho. Com essa força de

trabalho, o agente capitalista obtém

um produto que ultrapassa de muito

o que ele paga ao trabalhador.

consiste sempre em exercer uma espoliação, que se tornará cada vez mais concentrada à medida que a tecnologia eleva a produtividade.

O trabalhador, por sua vez, especialmente nas condições originárias da produção capitalista, terá que se contentar com um salário muito baixo, compatível apenas com um padrão de vida paupérrimo. Engels, pela investigação sobre as condições de vida dos operários na Inglaterra em 1844, descobriu as áreas onde viviam os trabalhadores, mais ou menos distantes de outras áreas, praticamente isoladas e segregadas, de modo que os burgueses podiam ir para seus escritórios ou destes para suas mansões sem ver a miséria que ocasionavam aos trabalhadores.

Existe uma relação dialética entre o capital e o trabalho que é inevitável. Em qualquer modelo de capitalismo, o capital só cresce espoliando o agente de trabalho e, por sua vez, o agente de trabalho só pode se reproduzir e sobreviver na medida em que encontra um mercado de trabalho, que converte sua força de trabalho em mercadoria. Não é o trabalhador que é a mercadoria: ele não é um escravo nem um servo, em sentido literal. Ele só vende sua força de trabalho. Com essa força de trabalho, o agente capitalista obtém um

produto que ultrapassa de muito o que ele paga ao trabalhador.

O que se deve ressaltar é que esse antagonismo irreduzível opõe entre si o trabalhador e o capitalista, adversários em termos econômicos, políticos e culturais. Essa situação, naturalmente, foi enfrentada pelos trabalhadores ao tentarem se organizar socialmente. Primeiro, criaram as uniões ou as associações, os sindicatos. Nem os economistas nem os socialistas conseguiram entendê-las: como é que os trabalhadores desenvolveram essas organizações, às vezes prejudicando seus próprios interesses? Ao se unirem em associações e sindicatos, sofriam pressão dos patrões; havia flutuação na oferta (o “não, eu pago um pouco mais para você”); ou, então, os próprios trabalhadores se viam obrigados a se cotizar para manterem a associação; ou eram obrigados a aceitar condições de trabalho em que a remuneração era menos vantajosa, exatamente para poderem formar o sindicato, porque havia entre os mesmos profissionais qualificações variadas (uns poderiam ganhar mais que outros e, de repente, todos começavam a defender os interesses coletivos). Tanto os socialistas como, principalmente, os economistas não entenderam isso. Marx e Engels os chamavam proletários, colocaram em primeiro lugar a sua organização. No início, a reação foi diferente, pois o trabalhador não compreendia o complexo mecanismo



Em frente ao Congresso Nacional, durante seu primeiro mandato como deputado, Florestan Fernandes participa de manifestação de trabalhadores rurais.

exigido pelas circunstâncias. Quebrava as máquinas, às vezes destruía a própria fábrica. Depois entendeu que o problema não estava na máquina, na fábrica, mas no capitalista e na propriedade privada dos meios de produção. Ele tinha que atacar o capitalista e a relação de exploração imposta pelo capital. Não podia conseguir isso individualmente; tinha de ser coletivamente. Deviam, portanto, associar-se. Constituem-se, assim, as primeiras formações proletárias, que promoviam a luta econômica, social e política coletiva e organizada.

Esse esboço é muito sumário, muito superficial, mas contém a essência da concepção marxista do socialismo. Existe uma base econômica, social e política que não é inventada, é extraída da própria formação e evolução do capital e do trabalho na sociedade moderna.

Não vou expor a primeira parte do *Manifesto comunista*, que é muito importante, onde vêm descritas as etapas da evolução das classes. É claro que os trabalhadores são uma classe, os capitalistas são outra e vai haver antagonismos entre elas. Aparecerão também classes intermediárias e, destas classes, algumas têm interesse em se unir com o capital ou com os trabalhadores. A única classe, porém, que possui interesse em revolucionar e acabar com a sociedade burguesa é a classe trabalhadora. Por isso, a classe trabalhadora é tida como classe organicamente revolucionária. As outras podem participar de uma luta por reformas e até por revoluções; mas, atingidos os seus objetivos, retraem-se. Os trabalhadores precisam eliminar essa sociedade e organizar a produção de tal maneira que o capital não prejudique mais o produtor.

Agora, quais são os objetivos centrais dos socialistas e daqueles que tomam essa posição? Existem coisas que não foram citadas, sobre o embrutecimento do trabalhador que, submetido às condições de trabalho que praticamente brutalizam a pessoa e bloqueiam o desenvolvimento da consciência social, impedem a aquisição de cultura e a auto-emancipação coletiva da classe. Já nos primeiros trabalhos de Marx e Engels são feitas essas análises da alienação social. O embrutecimento do trabalhador, a necessidade do trabalhador de tomar consciência de sua situação social e o fato de que essa situação só possa ser alterada pelo próprio trabalhador coletivamente. Portanto, ele precisa se organizar em sindicatos, partidos, forjar outras organizações culturais para poder propor uma sociedade de caráter diferente, com uma nova forma de produção, com uma infraestrutura que não seja espoliativa, que assegure a igualdade e a liberdade como algo generalizado e que envolva a autogestão coletiva dos meios de produção, na qual se consagre a construção da democracia (não da democracia apenas para uma minoria, mas a democracia da maioria e, com a evolução

socialista, a democracia universal). No *Manifesto comunista* há uma parte que recebeu o título "A Ótica Comunista". Nela, Marx e Engels expõem a idéia de que os comunistas não pretendem construir um partido para dirigir a classe operária. Os comunistas são aqueles que têm uma visão geral das tendências de transformação da economia e da sociedade e que cooperam com todos os partidos de trabalhadores no sentido da transformação da sociedade e na criação de uma sociedade nova.

E quais são os objetivos que eles salientam como essenciais do socialismo proletário? Primeiro, a organização da classe. É claro que, para o trabalhador transformar a sua condição de existência e a sociedade na qual vive, precisa proceder como faz a burguesia, isto é, organizar-se como classe. Esse processo é espontâneo, mas possui componentes que dependem da consciência social dos agentes históricos. O trabalhador precisa compreender que o sindicato é um meio de luta, mas que é insuficiente e que é necessário inventar outros meios de luta, que são os partidos políticos. Há um momento, como se deve lembrar no Brasil do passado, por exemplo, na época getulista, em que o trabalhador não podia ter capacidade de se organizar autonomamente e pela base. Havia, então, uma tendência de aliar-se com a burguesia, utilizando os conflitos entre os setores da burguesia para alcançar objetivos propriamente operários. Aí, surge o pelego, o sindicato atrelado, a burguesia nacional, tudo isso que já conhecemos. É claro que o quadro diferia na Inglaterra, na França etc. Mas os problemas básicos eram os mesmos. Assim como o capitalista tem uma situação de interesses de classe, o trabalhador também possui uma situação própria de interesses de classe. E essa situação não está confinada à existência do salário, à melhoria do salário, a ter sindicatos, partidos etc., mas a mudar a sociedade de modo que as iniquidades econômicas, as desigualdades sociais e a subalternização política desapareçam. Portanto, os trabalhadores precisam se organizar como classe para usar o poder real de classe na luta contra o capital. Esse é o requisito número um para que o trabalhador, que constitui maioria na sociedade, possa modificá-la, utilizando sua força no sentido de uma revolução social.

O segundo objetivo a que os comunistas se propõem é a demolição da supremacia burguesa. Marx e Engels utilizam o conceito de supremacia e não o de dominação, embora o conceito de dominação seja prevalecente na sociologia. Para se derrubar essa supremacia burguesa, o que é necessário fazer?

Não basta ao trabalhador se desenvolver como classe, dispor de sindicatos, partidos e organizações culturais, educacionais, de seguridade, de recreação etc., próprias. É necessário que ele adquira a consciência social da subalternização, da importância de adquirir todos os direitos concedidos

pela cidadania e acabar com o despotismo na fábrica e com o despotismo na sociedade civil, porque esses dois despotismos caminham juntos. Seria ilusório pensar que o despotismo na fábrica é uma contingência da vida burguesa, porque ele se reproduz na comunidade onde vivem os trabalhadores. A pessoa é obrigada a usar ônibus, ter um meio de transporte no qual vai apinhada e arrisca a vida, é obrigada a ter uma alimentação ruim, não ascender à educação ou a receber uma educação inferior, para si e para os filhos. Tudo isso impede o trabalhador de contar com uma situação de confronto eficiente com o burguês. Daí a necessidade de limitar, primeiro, o poder da burguesia na fábrica, na sociedade global, no Estado, e de disputar, classe a classe, em todos os níveis, com a que exerce o monopólio da riqueza, da cultura e do poder político. Por isso, é crucial desenvolver consciência social de classe e capacidade de luta política organizada, coisas que estão ligadas entre si. A partir desse patamar, pode-se falar de movimento socialista e de desalienação dos de baixo. Os trabalhadores formam, nesse momento, uma classe em si, capaz de lutar por seus objetivos, independentemente de qualquer ligação - associação, submissão, cooptação - com o capital, com a burguesia e com outras classes intermediárias (pequena burguesia, estratos médios mais altos, mais ricos, mas que são proprietários dos meios de produção).

Por fim, o terceiro e último objetivo dos comunistas é a conquista do poder. Esta é a etapa mais avançada, na qual o trabalhador pode sair para a luta política não mais para resolver problemas da sua classe, mas para construir uma sociedade nova e um Estado de novo tipo, nos quais a democracia se inicia como democracia da maioria e não como democracia da minoria, não como democracia representativa que favoreça os poderosos e subalternize aqueles que são menos iguais, que são dependentes e vivem em condições de desigualdade social.

É algo importante distinguir entre ocu-

par o poder e conquistar o poder. Há vários exemplos históricos nos quais os trabalhadores, os partidos socialistas ou social-democratas ocuparam o poder. Mas a conquista do poder significa que o movimento social de transformação da ordem existente atingiu seu objetivo, a classe capitalista não terá mais condições sociais e políticas de se reproduzir como classe dominante e terá que ser reeducada, para viver na sociedade nova e sobreviver dentro dela. Esta é a concepção central de Marx e Engels. São estes os objetivos capitais do socialismo proletário e revolucionário.

Devemos recuperar algumas afirmações de Marx e Engels, redigidas logo depois da derrota da revolução na Alemanha. Ocorreram revoluções na Europa, desencadeadas pela burguesia, a revolução francesa, a revolução inglesa, que se anteciparam historicamente a outras revoluções burguesas (lembre-se, a revolução inglesa se desencadeou primeiro; a revolução francesa logo depois; e irão suceder-se outras revoluções em seguida, na Alemanha, Itália, Espanha e em vários países da Europa, com resultados variados). Marx e Engels, como alemães, voltaram à Alemanha. Marx, que saiu da Alemanha como jornalista, fundou então um jornal e pretendeu utilizá-lo para agitar os trabalhadores e avivar a sua consciência social. Engels, que tinha treino e vocação militares, se engajou militarmente na revolução. E a história acaba com Marx sendo banido da Alemanha

Nair Benedicto/N Imagens



primeiro e Engels foragido, logo depois. Voltam à Inglaterra, onde vão experimentar uma situação difícil, a situação amarga da derrota. A revolução burguesa não alcançou na Alemanha o mesmo êxito que lograra na França, porque na França o setor mais avançado da aristocracia se alia com a burguesia ascendente e os outros setores fogem, para retornar mais tarde, chefiando a reação. Na Alemanha, a burguesia, apesar de ter conquistado representação parlamentar, se mostrou muito covarde e, principalmente, descobriu que seu aliado principal na revolução, os trabalha-

dores, representavam um perigo muito maior para si própria, pois, se os nobres e a Casa Real representavam uma limitação do poder, os trabalhadores apontavam o fim da burguesia como classe. Orientou-se no sentido da acomodação e do oportunismo no parlamento, traindo a revolução e recuando nos propósitos nacionalistas e democráticos que estavam em jogo. Em consequência disso, a revolução se esgotou num processo de conciliação entre a aristocracia prussiana e não-prussiana com a burguesia. A Casa Imperial prevaleceu e a defesa da democracia circunscreveu-se às relações históricas entre a burguesia, a aristocracia, a burocracia e o poder imperial. Max Weber, entre outros sociólogos, dedicou-se a análises sobre o assunto que são muito esclarecedoras e merecem nossa atenção (inclusive por causa do papel da burguesia nos anos decisivos, que começam no Brasil com a revolução de 1930).

Marx e Engels, na Inglaterra, vão encontrar um ambiente dramático e um grande desânimo entre os revolucionários, pois estes, especialmente os de extrema-esquerda, pensavam que, logo de cara, iriam conquistar o poder e acabar com todas as desigualdades e injustiças sociais, construir um Estado democrático e igualitário etc. Quando descobriram que isso não era possível, se recolheram a si mesmos, ressentidos. Marx diz, numa carta, que eles se deitam no sofá, esperando que a revolução se faça enquanto eles dormem. Mas Marx e Engels empenharam-se em outra coisa, depois de algumas vacilações: começaram a estudar as revoluções. Logo escreveram uma carta à Liga dos Comunistas, com o fito de defender os ideais revolucionários e proletários. Convém citar um ou dois trechos dessa carta, que é muito importante, pois trata também da organização política da classe trabalhadora. É o primeiro escrito onde se esboça o programa de um partido dos trabalhadores de uma perspectiva marxista. Nella vem a célebre afirmação, característica desse socialismo revolucionário: “Nós não queremos melhorar as classes, nós queremos eliminá-las. Nós não queremos aperfeiçoar a sociedade de classes, queremos suprimi-la”.

Essa é a concepção originária de Marx e Engels. Precisamos resgatar essa concepção, porque se ataca o marxismo, dizendo que ele está em crise, que ele morreu. Mas, se se perguntar a um pessoa o que é o marxismo, ela não sabe, “não estudou isso”. O marxismo está enterrado e a classe trabalhadora está condenada a ser subalterna na socie-

dade capitalista recente, com um melhor padrão de vida, mas com profundas desigualdades sociais e cicatrizes insanáveis. Tanto é assim que na Inglaterra, nos EUA, nesses países “avançados”, a proporção de desempregados aumenta o número dos que vivem abaixo da linha de pobreza. Quais são as perspectivas de resolver esses problemas crônicos através da assistência social?

Aceitar esta visão significa comprometer-se com a idéia de que os trabalhadores não têm condições nem meios para organizar, com suas próprias mãos, suas próprias cabeças, uma sociedade nova, diferente da democracia ampliada e que evoluirá até o comunismo.

A civilização engendra a barbárie e só através do socialismo é que se pode produzir uma civilização sem barbárie. Mesmo nos países avançados enfrenta-se esse dilema, que é estudado por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Onde persiste e se multiplica a conexão

entre civilização e barbárie, como nos países adiantados, o socialismo é necessário como alternativa para gestar outro tipo de civilização, realmente igualitária e democrática. De acordo com o filósofo italiano Della Volpe, que designa a liberdade maior como liberdade com igualdade, é fantasia falar em democracia sem a sua existência. A democracia é uma palavra e é preciso saber o que ela significa, quem a aproveita e o que é um Estado capitalista.

Quanto à periferia, aí não há nem o que discutir. O retrato traçado é tão válido quanto na época em que ele apareceu na Inglaterra, na França ou na Alemanha. É claro que o capitalismo se transformou, as sociedades de classes se modificaram, o próprio marxismo sofreu inovações, através de autores como Hilferding, Lênin, Trótski, Bukhárin, Lukács, Gramsci, etc. Todos eles mostram como estas transformações podem ser absorvidas pelo marxismo e refinaram a explicação marxista da sociedade e da revolução.

Não se trata de dizer que não há transformações. Porém, na periferia, as condições existentes (por exemplo, no Brasil) se casam com a descrição do primeiro capítulo do *Manifesto comunista*. E em outros países da América Latina é a mesma coisa. Toda a periferia está sujeita à problemática do desenvolvimento capitalista desigual. E o desenvolvimento capitalista desigual só pode ser enfrentado, corrigido e eliminado através de revoluções nacionalistas libertárias reforçadas por revoluções socialistas.

***O desenvolvimento
capitalista desigual só pode
ser enfrentado, corrigido e
eliminado através de
revoluções nacionalistas
libertárias reforçadas por
revoluções socialistas.***

DITADURA MILITAR

PROFESSORES PUNIDOS PELA CONGREGAÇÃO

*Depoimento prestado pelo professor
Florestan Fernandes ao Jornal Adusp em maio de 1994.*

Em 1964 fui preso por um período e em 65 comecei a participar de uma maneira mais intensa e ardente da luta política. Era um processo político a que todos nós deveríamos nos engajar. Do final de 65 até o começo de 69 travei o combate de uma maneira intensa.

Naquele momento fiquei ressentido porque a ditadura, ao contrário do que aconteceu com outros companheiros, não queria que eu sáísse do país e não me dava o visto no passaporte. Eu estava sujeito a um processo militar e, portanto, não teria possibilidade de tomar o avião.

Os amigos e companheiros no exterior, com suas manifestações, conseguiram fazer com que nós, principalmente no meu caso, sáíssemos do Brasil. Eu tinha compromisso no Canadá e lá permaneci nos anos 69 e 70. Nesse período, tudo que pude perceber, durante as conferências que andei fazendo no próprio Canadá, nos Estados Unidos, na Alemanha e em outros países da América Latina, levou-me a verificar que era evidente que a proteção que nos davam

não era tanto por nossas pessoas e tudo o que elas representavam para a luta política. Era, sim, uma tentativa de retirar dos países que viviam situações análogas à do Brasil aqueles intelectuais ou outros ativistas que podiam representar perigo para a ditadura. Isso me levou a voltar para o Brasil. Porém, poucas vezes fui convidado para conferências de caráter político. Eu recusava as conferências retóricas, neutras, e exigia que elas tivessem caráter político.

Com relação à Universidade, eu fazia parte da primeira lista de cassados. Depois vieram as outras. Mas a verdade é que eu não posso reclamar porque quem luta por certas causas deve estar preparado para aceitar as suas conseqüências positivas ou negativas.

Quanto à caça de pessoas que não tinham vinculação política com qualquer movimento opositor ao regime, é verdade que isso foi um movimento muito negativo. Mas houve dentro da Universidade um movimento de resistência política feito por uma minoria e uma tentativa de retração feita por pessoas que não queriam se envolver, mas

que também não queriam aprovar o que a ditadura estava fazendo. Além disso, existiam os intelectuais que eram propriamente contra-revolucionários. Eu sempre lembro, e até escrevi num livro, uma frase de Lênin que diz: “não pode haver revolução sem revolucionários”. Então, Gama e Silva (reitor da USP na época do golpe militar) e outras pessoas que estavam à testa desse processo eram, dentro da Universidade, representantes da contra-revolução.

E não podemos nos esquecer que na Faculdade de Medicina os professores que foram incorporados à lista de punição não foram punidos pelos militares que fizeram a auditoria. Eles foram punidos pela própria Congregação.

Lembro que dois professores eminentes da Universidade tiveram os braços jogados para baixo quando tentaram cumprir-me porque eu sabia que eles estavam a serviço da ditadura. Eu sempre entendi o que se passava com essas pessoas, mas nunca aceitei. Entender não significa perdoar. Significa ter uma consciência objetiva da luta que se deve travar.

NO BRASIL

Organizada por Vladimir Sacchetta

Desta relação não constam as colaborações para revistas e para os jornais O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã, Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil e Jornal de Brasília.

- Karl Marx, contribuição à crítica da economia política.** Tradução e introdução. São Paulo, Editora Flama, 1946.
- A organização social dos Tupinambá.** São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949; 2ª. edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.
- A função social da guerra na sociedade tupinambá.** São Paulo, Museu Paulista, 1952; 2ª. edição, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.
- A etnologia e a sociedade no Brasil.** Ensaio sobre aspectos da formação e desenvolvimento das ciências no Brasil. São Paulo, Editora Anhembi, 1958.
- Negros e brancos em São Paulo.** em colaboração com Roger Bastide, Edição Independente, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959; 3ª edição, 1971. Publicação prévia, *Revista Anhembi*, 1953; edição original, com outros trabalhos de vários autores, São Paulo, Editora Anhembi, 1955.
- Mudanças sociais no Brasil.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960; 2ª. edição, refundida com um ensaio global introdutório, 1974; 3ª. edição, 1979.
- Ensaio de sociologia geral e aplicada.** São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1960; 2ª edição, 1971; 3ª edição, 1976.
- Folclore e mudança social na cidade de São Paulo.** São Paulo, Editora Anhembi, 1961; 2ª edição, Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- A sociologia numa era de revolução social.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1962; 2ª edição regorganizada e ampliada, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1964; 2ª edição, em dois volumes, São Paulo, Editora Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1965; 3ª edição, em dois volumes, Editora Ática, 1978.
- Educação e sociedade no Brasil.** São Paulo, Editora Dominus, Editora da Universidade de São Paulo, 1966.
- Fundamentos empíricos da explicação sociológica.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967; 2ª edição, 1967, reimpressão, 1972; 3ª edição, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978; 4ª edição, T. A. Queiroz, Editor, 1980.
- Sociedade de classes e subdesenvolvimento,** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968; 2ª edição, 1975; 4ª edição, 1981.
- The Latin American in residence lectures.** Toronto, University of Toronto, 1969/1970.
- Elementos de sociologia teórica.** São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1970; 2ª edição, 1974.
- O negro no mundo dos brancos.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- Comunidade e sociedade no Brasil** (organizador). Leituras Básicas de Introdução ao Estudo Macro-Sociológico do Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972; 2ª edição, 1975.
- Comunidade e sociedade** (organizador). Leituras sobre Problemas Conceituais, Metodológicos e de Aplicação. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1973.
- Comunidade e sociedade** (organizador). Tomos ainda inéditos.
- Las clases sociales en América Latina** (em co-autoria com N. Poulantzas e A. Touraine). México, Siglo Veintiuno Editores, UNAM, 1973; publicado no Brasil como **As classes sociais na América Latina**, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.
- Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973; 2ª edição, 1975; 3ª edição, 1981.
- A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios.** Petrópolis, Editora Vozes, 1975.
- A revolução burguesa no Brasil.** Ensaio de interpreta-

- ção sociológica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975; 2ª edição, 1976; 3ª edição, 1981.
- A universidade brasileira: reforma ou revolução?** São Paulo, Editora Alfa-Ômega, 1975; 2ª edição, 1979.
- Circuito fechado. Quatro Ensaio Sobre o “poder institucional”.** São Paulo, Editora Hucitec, 1976; 2ª edição, 1977.
- A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento.** Petrópolis, Editora Vozes, 1977; 2ª edição, 1980.
- A condição de sociólogo.** São Paulo, Editora Hucitec, 1978.
- O folclore em questão.** São Paulo, Editora Hucitec, 1978.
- Lênin** (organização e introdução). (pp. 7-49). São Paulo, Editora Ática, 1978 (duas edições).
- Da guerrilha ao socialismo: A Revolução Cubana.** São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1979.
- Apontamentos sobre a “Teoria do autoritarismo”.** São Paulo, Editora Hucitec, 1979.
- Brasil: em compasso de espera.** São Paulo, Editora Hucitec, 1980.
- A natureza sociológica da sociologia.** São Paulo, Editora Ática, 1980.
- Movimento socialista e partidos políticos.** São Paulo, Editora Hucitec, 1980.
- Poder e contra-poder na América Latina.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- O que é revolução?** São Paulo, Editora Brasiliense, 1981 (seis edições).
- A ditadura em questão.** São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1982 (duas edições).
- K. Marx - F. Engels: história** (organização e introdução). (pp. 9-143). São Paulo, Editora Ática, 1983.
- A Questão da USP.** São Paulo, E. Brasiliense, 1984.
- Que tipo de República?** São Paulo, Brasiliense, 1986 (três edições).
- Nova República?** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1986 (três edições).
- O processo constituinte.** Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1988
- A Constituição inacabada, vias históricas e significado.** São Paulo, Estação Liberdade Editora, 1989.
- O desafio educacional.** São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1989.
- O significado do protesto negro.** São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- A transição prolongada.** São Paulo, Cortez Editora, 1990.
- As lições da eleição.** Brasília, Câmara dos Deputados, CDI, 1990.
- Depoimento, in Memória viva da educação brasileira.** 1, Brasília, INEP, 1991.
- O PT em movimento - Contribuição ao I Congresso do Partido dos Trabalhadores.** São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1991.
- Reflexão sobre o socialismo e a auto-emancipação dos trabalhadores.** São Bernardo do Campo, Departamento de Formação Política e Sindical, Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, 1992.
- Parlamentarismo: contexto e perspectivas,** Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1992.
- LDB: impasses e contradições.** Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1993.
- Democracia e desenvolvimento - A transformação da periferia e o capitalismo monopolista da era atual.** São Paulo, Editora Hucitec, 1994.
- Consciência negra e transformação da realidade.** Brasília, Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 1994.
- Tensões na educação.** Salvador, SarahLetras, 1995.
- Brasil 1986/1994: atraso e modernidade.** Salvador, SarahLetras (em organização).
- O pensamento político de Marighella, in Anais do seminário sobre Carlos Marighella.** Salvador, Universidade Federal da Bahia (em organização).
- A Contestação Necessária,** S.Paulo, Ed. Ática (no prelo).

Traduções publicadas no exterior

- La guerre et le sacrifice humain chez les Tupinambá.** Tradução de Suzanne Lussagnet. Publicado e editado em separata por **Journal de La Societé des Americanistes**. Paris, Musée de L'Homme, 1952.
- Fundamentos empíricos da explicação sociológica.** México, UNAM, sd (em espanhol).
- The Negro in Brazilian society.** Tradução de Jacqueline D. Skiles, A. Brunel e Arthur Rothwell, editado por Phyllis B. Eveleth, New York/London, Columbia University Press, 1969 e, como *brochura*, Atheneum, New York, 1971.
- Die Integration des Negers in die Klassengesellschaft.** Vol. 1, Verlag Gehlen, Bad Homburg v.d.H., Berlin/Zurich, 1969 (tradução do dr. Jurgen Grabvener); vol. 2, Wilhelm Fink Verlag, Munchen, 1977 (tradução de Angela Dulle).
- La revolución burguesa en Brasil.** Tradução de Eduardo Molina. México, Siglo Veintiuno Editores, 1978.
- Reflections on the Brazilian counter-revolution.** Organizado com introdução de Warren Dean. Armonk, New York, M.E. Sharpe, Inc., 1981.

Entrevista

Florestan F. Júnior e Heloísa R. Fernandes

por Zilda Iokoi e Marcos Cripa

TUDO NA VIDA É SÉRIO, MAS NADA É DEFINITIVO

Ronaldo Entler



Considerado um dos mais respeitados intelectuais brasileiros, Florestan Fernandes não tinha por hábito falar de sua vida pessoal. Aos que insistiam, dizia apenas que a casa dele era “uma redoma de ouro”. Nesta entrevista, concedida duas semanas após sua morte, Florestan Júnior e Heloísa Rodrigues falam do homem Florestan Fernandes e contam passagens que marcaram suas vidas ao lado do pai. Lembram do afastamento imposto aos filhos, no início da carreira, para que o pai pudesse elaborar seus trabalhos, e do café da manhã que Florestan Fernandes fazia questão de preparar para a família. Falam, ainda, da esperança que Florestan teve de retornar à USP e de sua alegria ao ingressar na política partidária, onde foi deputado federal por duas legislaturas consecutivas pelo Partido dos Trabalhadores. Não existiu, por parte dos entrevistadores e dos filhos, a preocupação com relatos cronológicos. A proposta era conhecer um pouco da vida familiar que deu sustentação ao intelectual e ao político Florestan Fernandes.

Adusp - Neste momento, centenas de textos no Brasil e em várias partes de mundo analisam a obra do intelectual Florestan Fernandes. Gostaríamos que vocês falassem do homem, do cidadão comum, do pai Florestan Fernandes.

Heloísa - Quase aos cinquenta anos de idade, posso dizer que tive o privilégio de não ter tido o mesmo pai ao longo desse tempo. Eu tive inúmeros pais. Um aos dez anos, outro aos quinze e um outro aos vinte anos. O pai mais amoroso e o mais carinhoso foi o último. Sinto-me privilegiada em relação a outras pessoas porque, em geral, com a velhice os pais ficam mais agressivos, mais teimosos, e esse meu último pai era mais amoroso, mais atencioso. Se nós não fôssemos na casa dele, no dia seguinte ele dizia: "Senti tanto a sua ausência, gostaria tanto que você tivesse vindo". A perda ainda é maior porque ele estava se relacionando muito com os filhos, os netos e os bisnetos. Meu filho, de 26 anos, conviveu muito com este meu último pai. Eles conversavam, e papai ouvia com enorme atenção todos os problemas e as crises próprias da idade do meu filho e dizia: "Tudo é sério, mas nada é definitivo". Essa frase quer dizer que meu pai tinha o maior interesse em ouvir tudo o que você dissesse, de qualquer ordem e procedência, com a maior seriedade, mas querendo te mostrar que nada é definitivo na vida.

Florestan Júnior - Acho que nestes últimos dez anos, depois que foi para a Câmara Federal, ele começou uma nova atividade na vida. Passou a ficar um pouco mais distante da família e, portanto, bem mais sensível a essa falta. Tinha uma gratidão muito grande pelos filhos porque durante toda a vida dele sempre lutou muito sozinho, virava a noite escrevendo, à máquina. Lembrome de, aos 11 anos, dormir escutando o bater da máquina de es-

crever e logo pela manhã, às 6 horas, ele já estava em pé para arrumar a mesa do café, cortar o pão, e do jeito que cada um dos filhos gostava. Quando nós acordávamos, o lugar de cada um à mesa já estava arrumado. Apesar disso, o contato, neste período, era pequeno porque logo em seguida ele saía para a universidade e trabalhava até tarde. No período da política partidária, os filhos foram muito solidários com ele, participando da campanha, arrecadando dinheiro, distribuindo material de propaganda, e disso tudo saiu uma união muito grande. Ele teve vários momentos de pensar a família, e o momento do exílio, acredito, foi o mais difícil. Mas o momento mais bonito acho que foi o desses últimos dez anos, porque ele demonstrava existir uma verdade interior. A verdade de um sábio, a verdade de quem não tem mais nada a provar. Ele estava muito tranqüilo.

Adusp - Heloísa, você falou de ter convivido com vários pais ao longo das últimas cinco décadas. Como era o pai Florestan Fernandes quando você tinha dez anos?

Heloísa - Eu sou a mais velha e sempre tive uma ligação muito forte com o meu pai, uma ligação muito apaixonada. Então, tem também a história dos maiores ódios, dos maiores enfrentamentos e aquelas coisas que caracterizam a relação mais forte com o pai. Certa vez eu estava conversando com ele acerca desse período, que era exatamente o momento em que meu pai, muito jovem, estava batalhando para, no fundo, mudar de classe social. Fala-se muito que ele veio de outra classe etc., etc., mas isso teve um custo muito alto para a nossa família. Principalmente eu e minha irmã Noêmia, a segunda filha, sofremos mais porque ele queria que nós tivéssemos uma família e sabia que era o chefe dessa família, mas não teve uma experiência de

família como aquela que nós estávamos tendo. Ele cobrava de nós segundo uma expectativa idealizada, que passava por se preocupar com o que os vizinhos iriam pensar de um determinado fato ou acontecimento ocorrido em nossa casa. Ele dava importância a ter uma família. Por outro lado, ele mesmo reconhecia que não teve experiência do que era uma família e, então, nós fomos a família que ele teve de "inventar" porque não existia um padrão familiar na formação dele.

Adusp - Foi um período duro?

Heloísa - Foi, especialmente para mim e para a Noêmia. Conversando com o meu pai, certa vez, ele disse que lastimava ter sido tão duro comigo e com a minha irmã, esquecendo-se que, de qualquer modo, era uma pessoa muito amorosa. Eu nunca duvidei do amor dele, e foi nessa segurança, nessa certeza, que nós tínhamos as nossas brigas.

Adusp - Nessa época vocês moravam no Brooklin?

Heloísa - Morávamos no Brooklin e convivíamos com ele apenas na parte da manhã, porque durante o resto do dia ele se dedicava à faculdade e à noite recolhia-se ao escritório para estudar e escrever seus textos. Ele era, de certo modo, ausente. Por outro lado, dentro dessa ausência, o Júnior lembrou do pão que ele cortava pela manhã que ele chamava de soldadinho. Eu me lembro desse mesmo soldadinho, e a minha filha Ana, que viveu com ele os dois primeiros anos da vida dela, lembra, hoje aos 29 anos, desse mesmo soldadinho servido no café da manhã, assim como os outros netos também lembram do soldadinho.

Adusp - Heloísa, o que você lembra desse escritório a que você se referiu há pouco, e o Júnior logo no início da entrevista?

Heloísa - O escritório era o lu-

gar em que nós, aos dez anos, não podíamos entrar porque, se fizessemos barulho, iríamos perturbar o meu pai. Eu até escrevi, no memorial para a livre-docência, que não é por acaso que, para mim, escritório ficou sendo uma sala cheia de livros, onde um homem lê e escreve. Ele também descobriu que aquele escritório, uma sala cheia de livros, o oprimia. Não conseguia mais escrever ali e acabou montando um outro escritório, no fundo da casa, só para redigir seus trabalhos. Quando havia um problema com qualquer um dos filhos, ele chamava para conversar no escritório. Acontece que para nós o escritório tinha todo aquele peso de inviolabilidade, e o resultado é que, quando nós chegávamos lá, já entrávamos em prantos, de tal modo que ele não conseguia mais falar conosco. Ele ficava irritado porque queria conversar seriamente e o choro tornava impossível o diálogo. Certa vez conversei com minhas irmãs sobre o escritório, e elas têm essa mesma impressão.

Adusp - O escritório é marcante na vida de vocês.

Heloísa - Minhas irmãs lem-

bram muito esse aspecto: meu pai estava em casa, mas estava nesse escritório, onde não se podia fazer barulho e conversar, o que significava que ele estava ausente. Aí eu disse a elas: “Não é verdade. Vocês conhecem as cantigas de criança, de folclore e de ninar exatamente porque ele cantava conosco”.

Júnior - Lembro-me que ele nos colocava no colo e cantava várias músicas. Ele fez isso com os netos também.

Heloísa - Sabemos muita coisa de folclore por causa desse comportamento, e eu contei esse fato porque queria recuperar aquela coisa dos inúmeros pais que eu falei no começo.

Adusp - Vocês moraram muitos anos no Brooklin, na Rua Nebraska, e essas estórias são todas daquela casa. O professor Florestan gostava daquele local?

Júnior - Ele tinha uma verdadeira paixão pela casa. Só saiu de lá quando todos os filhos já tinham se casado. Quinze dias antes de ser internado para o transplante ele me pediu para

passar em frente à casa, e ela já não existia mais. Estava toda demolida. Não tinha mais nada no local.

Adusp - Ele fez algum comentário?

Júnior - Não. Ficou um silêncio dentro do carro.

Adusp - Quando é que você percebeu a postura socialista do seu pai?

Heloísa - Eu tinha uma clara idéia de que meu pai tinha vindo de uma outra classe, e isso não significava que nós tivéssemos tido qualquer conversa específica sobre isso. Mas um dia conversei com ele sobre isso. O por quê de ele nunca ter me dado um livro socialista para ler ou de nunca falar nesse assunto comigo. Ele contou que tinha tido uma discussão com o Antonio Candido e que achava que a melhor forma de educar os filhos era que eles não tivessem um caminho pré-determinado pelos pais. Portanto, se temos inclinações socialis-



Acima, em 1968, Dona Myrian com os filhos: Myrian Lúcia, Sílvia, Beatriz, Florestan Júnior, Noêmia e Heloísa. À esquerda, em 22 de julho, parte da família reunida no último aniversário do prof. Florestan Fernandes.



Ele havia investido tudo na universidade e de uma hora para outra chegam e dizem: “Você está fora”. Tínhamos o pai que nos ensinava cantigas, mas também o que ficava no escritório, se dedicando à universidade.

tas não foi por doutrinação do meu pai. A primeira vez que eu tive a clareza das posições dele foi no momento da prisão. Foi um impacto muito grande na família. Agora, foi na faculdade que eu conheci esse meu outro pai intelectual e socialista. Não foi dentro de casa, não.

Adusp - Como foram, para a família, os dias que ele passou na prisão?

Júnior - Lembro que minha mãe me levou para o escritório, o tal escritório, e disse: “O seu pai está sendo preso, mas não é porque ele cometeu algum crime, não. É porque ele discorda politicamente do governo”. Minha mãe queria esclarecer os motivos da prisão porque fotos do meu pai estavam saindo nos jornais e ela estava com receio de que eu tomasse conhecimento na escola ou através de outras pessoas. Na véspera da prisão já dava para perceber um clima diferente porque, como houve uma troca de cartas entre o meu pai e um oficial, muita gente apareceu em casa, a exemplo do Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e tantos outros, para se solidarizar. Eu via a minha mãe, de cabeça baixa, chorando, preocupada. Isso eu me lembro bem, porque foi uma cena que marcou muito.

Adusp - E as lembranças do retorno dele para casa, após a prisão?

Júnior - No dia que ele saiu da prisão eu entendi que ele não gostava do governo. Eu não tinha uma percepção maior do que essa de que ele não gostava do governo e era contra o imperialismo norte-americano. Nesse mesmo dia ele falou pra mim: “Vamos até a Faculdade de Filosofia (que ficava na Rua Maria Antônia)”. No saguão ele ainda estava conversando com um bedel quando os estudantes começaram a descer pelas escadarias cantando o Hino Nacional e aplaudindo o meu pai. A escola toda apareceu no saguão, e eu, como era pequeno ainda, nunca tinha visto tanta gente junta. Fiquei muito assustado e comecei a recuar, distanciando-me do meu pai. Era uma confusão tão grande que eu, assustado, agarrei a perna não sei se do Fernando Henrique, do Antonio Candido ou do Otávio Ianni.

Adusp - Logo após este episódio ele foi afastado da USP e se auto-exilou no Canadá.

Heloísa - Ele foi para o Canadá, e os filhos que ainda não estavam casados ficaram com a minha mãe, que nunca trabalhou fora e, portanto, era a nossa refe-

rência doméstica. Uma pessoa realmente forte. Nesse período do Canadá ele me escrevia semanalmente.

Adusp - E o retorno do Canadá?

Heloísa - Foi ruim, porque ele havia investido tudo na universidade e de uma hora para outra chegam para ele e dizem: “Você está fora”. Como se pode ver, nós tínhamos o pai da manhã, o pai que nos ensinava cantigas, mas tínhamos também o pai que ficava no escritório, afastado da família e se dedicando à universidade.

Júnior - Foi nesse início da década de 70 que a doença dele começou a se manifestar. E além disso, ele ficou muito isolado. Os amigos sumiram e ele não tinha mais o espaço da universidade. Ele não tinha a quem falar. Ele só se reencontrou novamente, recuperou a felicidade, quando entrou para a política partidária.

Adusp - E o pai parlamentar, como é que surgiu?

Júnior - Eu influenciei muito nessa decisão dele. Eu estava muito preocupado com o fato dele não estar bem. Outra influência, mesmo que indireta, surgiu de uma conversa do meu pai, que ainda alimentava esperanças de voltar para a USP, com o Otávio Ianni. Ele colocou meu pai na realidade ao dizer: “Professor, os nossos colegas gostam de nós, gostam do nosso trabalho e muitos foram solidários conosco, mas eles não querem a nossa volta porque isso vai causar uma série de problemas internos na universidade. A solidariedade deles vai até um certo ponto, mas não ao ponto de nós termos espaços pra voltar”. Acho que foi aí que ele se deu conta de que a USP era uma página virada na vida dele.

Adusp - Você acredita que ele possa ter morrido frustrado por não ter voltado à USP?

Júnior - Acho que não, isso

ele já tinha resolvido internamente. Penso que ele morreu frustrado de nunca ter tido férias.

Adusp - Você falava do ingresso dele na política partidária.

Júnior - Após essa conversa com o Otávio Ianni, percebi que meu pai deixara uma porta para entrar na vida política. Aí, um dia, o Zé Dirceu conversou comigo sobre a possibilidade de meu pai entrar para o Partido dos Trabalhadores, e nós marcamos uma reunião com o Lula, o Suplicy e o próprio Zé Dirceu. Ele topou o desafio, e eu, particularmente, vi naquela decisão um caminho novo para ele.

Adusp - Como foi recebida essa decisão dele?

Júnior - Muitos achavam que não daria certo porque ele já estava doente. Ele provou que estavam errados os que pensavam assim, porque a campanha tirou a cabeça dele da doença, colocou uma nova esperança e foi uma coisa bonita porque, de repente, ele mesmo precisava se colocar à prova. Saber exatamente o que ele representava. Foi nesse momento que reuni a Heloísa, o Octávio Ianni, o Vladimir Sacchetta e mais alguns amigos e disse: “Vamos lá, meu pai é candidato, precisamos arrumar dinheiro, montar comitê e sair à luta”. De repente, começaram aparecer adesões espontâneas. A Unicamp montou um comitê, a PUC/SP outro, a Unesp outro e assim começaram a aparecer comitês em todo o Estado. Enquanto ele ia de carro participar de uma palestra em Ribeirão Preto, encontrávamos o Serra (José Serra, atual ministro da Fazenda), que descia de um avião particular, participava da palestra e pegava novamente o avião para se dirigir a outra palestra ou a um comício. Nós não tínhamos muita experiência em campanha e acabávamos sacrificando o candidato. Um exemplo é o das dobradas

(com candidatos a deputados estaduais). Meu pai conversava longamente com cada um deles e pessoalmente sentava à máquina de escrever e redigia o texto, ora sobre os problemas dos metalúrgicos do ABC, ora sobre a saúde, e assim por diante. Os candidatos a estaduais saíam satisfeitos porque passavam a ter um texto elaborado pelo próprio Florestan Fernandes em seus panfletos. Não era a equipe quem produzia. Ele mesmo fazia questão de elaborar os textos.

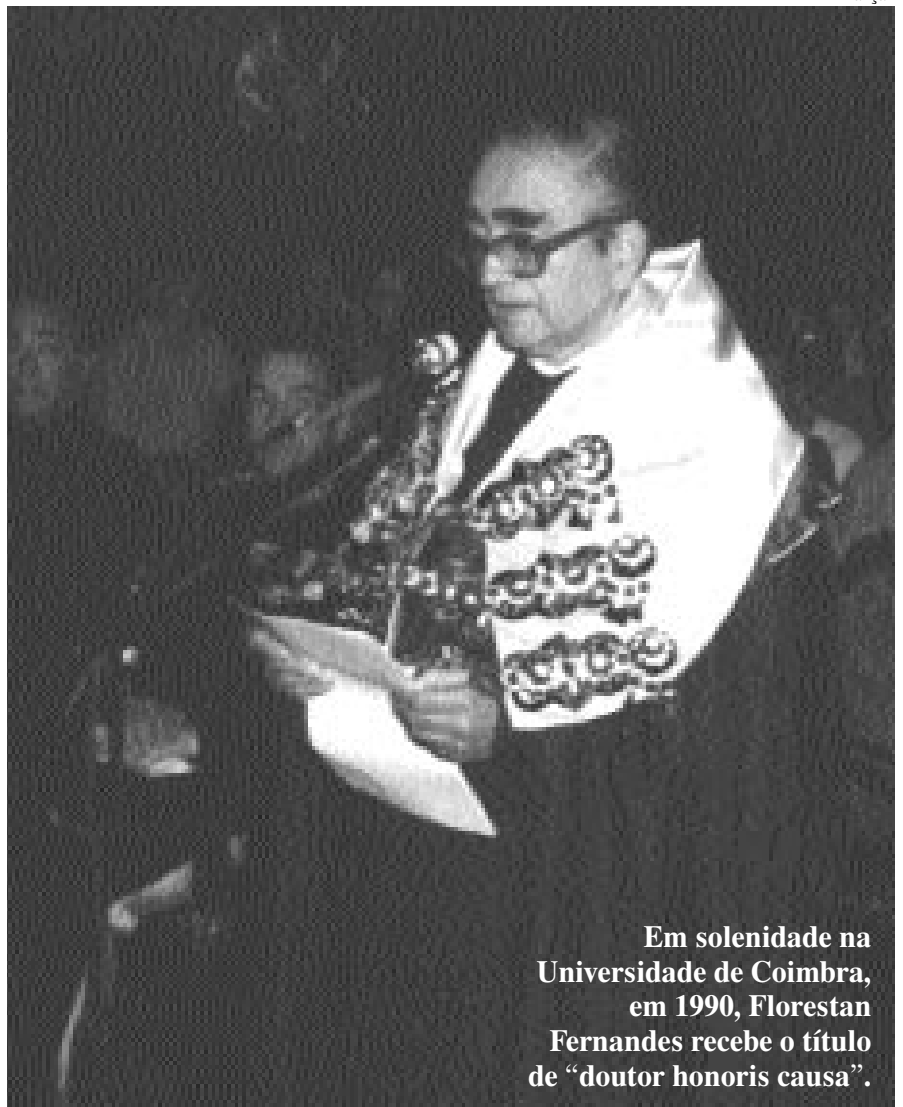
Adusp - Você falou do José Serra fazer a campanha deslocando-se de avião. Como é que o seu pai via a questão do poder econômico na eleição?

Júnior - Evidentemente ele não gostava. Achava que era uma maneira desleal de fazer a campanha, mas tinha a consciência de que a democracia no capitalismo é exatamente isso. Mas, ao final, com poucos recursos financeiros, ele ficou muito feliz por ter obtido 50 mil votos. E olha que nós gastamos naquela campanha o equivalente a um veículo Gol usado. Imagine se ele tivesse jatinho.

Adusp - Quais os fatos mais marcantes da campanha?

Júnior - São muitos, mas dois deles especiais. O primeiro diz respeito ao Fernando Henrique (PSDB). Ele me procurou e disse: “O seu pai não pode perder

Marçal



Em solenidade na Universidade de Coimbra, em 1990, Florestan Fernandes recebe o título de “doutor honoris causa”.

essa eleição de jeito algum. Ele tem de entrar na disputa para ganhar”. Isso me deixou meio paranoico porque aumentou a responsabilidade. O outro fato interessante foi o Fernando Moraes (PMDB) mandar um envelope com um cheque e uma carta dizendo da importância da eleição de meu pai. Isso marcou muito porque o Fernando também era candidato a deputado federal. Naquela ocasião o Fernando Moraes pediu sigilo sobre a contribuição que estava fazendo para a campanha do meu pai.

Adusp - O atual presidente Fernando Henrique, além de ter sido aluno do professor Florestan Fernandes, acabou se transformando num amigo da família. Quando foi a última vez que eles se encontraram?

Júnior - Foi no dia em que meu pai foi condecorado com a Ordem do Rio Branco, em Brasília. Quando terminou a solenidade, eu, meu pai e minha mãe fomos para a sala do Fernando Henrique, e, no caminho, conversando comigo, ele falou da sua preocupação com a saúde de meu pai e da possibilidade de encaminhá-lo aos Estados Unidos para exames. Na sala da presidência nós nos sentimos como estranhos no ninho. Meu pai e minha mãe sentados num sofá, e em pé o filho do Antônio Carlos Magalhães (Luís Eduardo Magalhães) e o Marco Maciel (vice-presidente). O Fernando Henrique conversou com eles, e num dado momento sentou para conversar com meu pai e minha mãe. Falaram sobre a viagem que FHC tinha feito aos Estados Unidos e da homenagem que ele recebera em Portugal.

Adusp - Em Coimbra, anteriormente, quando o professor Florestan Fernandes foi homenageado, o Fernando Henrique estava presente?

Heloísa - Estava sentado ao



Minha mãe disse uma coisa muito bonita: “No momento em que você quiser conversar com seu pai, pegue o carro, vá até a praia de Juqueí e fique olhando para o mar. Você pode ficar conversando com ele ali”. As cinzas foram jogadas ao mar pelos meus sobrinhos.

meu lado, e realmente aquele foi um momento muito emocionante. O Fernando Henrique chorou.

Júnior - A idéia que dá é que meu pai não estava ganhando o título sozinho. Era o grupo todo que estava sendo homenageado.

Adusp - Além do Fernando Henrique e do Otávio Ianni, o seu pai nutria uma grande amizade pelo Antonio Candido.

Júnior - Eles eram tão amigos que se beijavam. Certa ocasião, perguntaram ao Antonio Candido por que ele beijava o Florestan Fernandes e ele respondeu: “Só faz essa pergunta quem nunca beijou um amigo”.

Adusp - Com relação ao transplante, como o professor Florestan Fernandes o encarava?

Júnior - Ele acreditava muito, achava que era uma possibilidade verdadeira, e dizia que, após a recuperação, finalmente iria tirar férias e viajar com minha mãe pela Europa. Ele passou as horas que antecederam a cirurgia bastante consciente e segurando a minha mão. Estava apreensivo e com medo. Eu saía para o corredor e chorava sozinho, sem que ele percebesse. Naquele momento chegou a passar pela minha cabeça a idéia de falar com ele para irmos embora e deixarmos o transplante de lado. Mas como ele e todos nós achávamos que iria dar certo, e também pelo fato dele estar sofrendo muito, não disse nada. Apenas liguei para a Heloísa, às 3h30 da madrugada, e avisei da cirurgia. Ela falou com o meu pai e logo depois ele seguiu para a sala de operação.

Adusp - A cremação era um desejo dele?

Júnior - Era um desejo que ele queria ver cumprido. Mas outro dia eu fiquei pensando que cemitério tem uma coisa de referencial. Você vai à frente do túmulo e ali está simbolizada a pessoa que você perdeu. Se eu quisesse falar com o meu pai eu ia até o cemitério e conversaria com ele. Falei sobre isso com minha mãe e ela disse uma coisa muito bonita: “No momento em que você quiser conversar com seu pai, pegue o carro, vá até a praia de Juqueí e fique olhando para o mar. Você pode ficar conversando com ele ali”. As cinzas foram jogadas ao mar pelos meus sobrinhos.

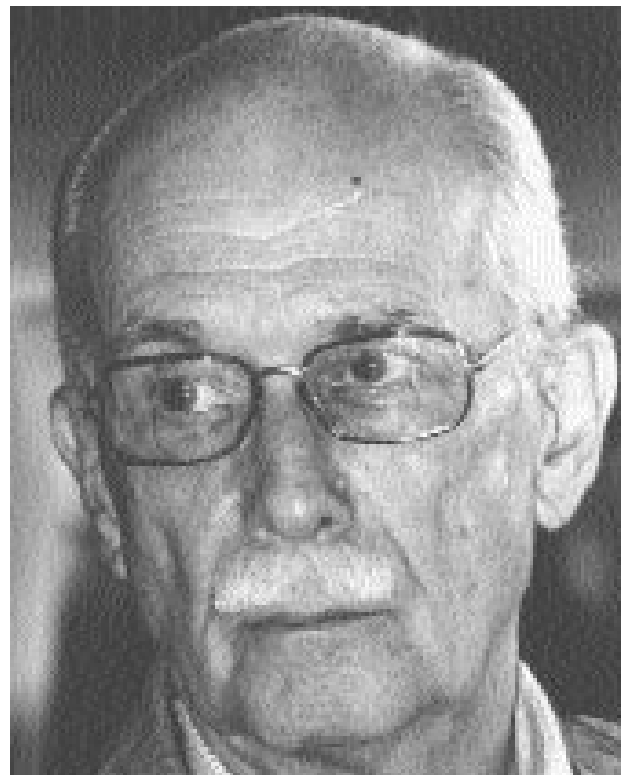
Heloísa - Meu pai adorava o mar, ele ia somente para nadar. Nunca vi uma pessoa que nunca se sentou na areia para tomar sol. Ele gostava de nadar pela manhã e no final da tarde. No restante do dia, ficava trabalhando, o que significa que na realidade ele nunca teve férias.

PARA SAUDAR UM GRANDE HOMEM

Daniel Ruiz Garcia

“*No dia 23 de junho de 1994 a Reitoria da Universidade de São Paulo promoveu no Centro Cultural da Rua Maria Antônia uma sessão de homenagem a Florestan Fernandes, com diversos pronunciamentos. A pedido do professor Flávio Fava de Moraes eu o saudei em nome da universidade com um discurso que ficou inédito e que vai transcrito abaixo.*”

Antonio Candido



Em Florestan Fernandes - meu fraternal companheiro e amigo há cinquenta anos - se juntam o estudioso de saber profundo e sólido, o professor rigoroso, o formador de equipes notáveis que abre trilhas novas à investigação, o autor de obras cuja importância é decisiva no campo das ciências sociais, o cidadão empenhado em tarefas essenciais do seu tempo e o militante político consciente do dever de lutar para a transformação das bases desta sociedade iníqua, na qual vivemos ao ritmo de umas desigualdades econômicas mais revoltantes do mundo.

Além disso, é preciso destacar as qualidades humanas que fazem dele um exemplo e lhe permitiram construir uma carreira excepcional a partir das condições mais adversas que se possa imaginar. Homem de luta e homem de ideal, Florestan Fernandes enfrentou desde menino a adversidade, com uma bra-

vura e uma eficiência difíceis de encontrar na biografia dos homens eminentes da cultura. Na base, esteve sempre, sem dúvida, o destemor, a invariável coragem física, moral e mental com que empunhou a vida e abriu o seu caminho. Inclusive demonstrando a rara capacidade de criar o escândalo necessário e salutar, passando por cima do temível respeito humano, quando se trata de afirmar o que é justo e verdadeiro. Pesando bem as palavras, digo que em Florestan Fernandes estão presentes os traços que caracterizam os grandes homens. Por isso, costumo dizer que ele é, a meu ver, o único de nossa geração a quem cabe com justeza este qualificativo.

Portanto, não é de espantar que tenha feito uma carreira universitária exemplar sob todos os pontos de vista, o que tornou mais odioso o ato que o separou do corpo docente de nossa faculdade. Como estudioso, professor, investigador e autor ele reúne qualidades

raramente existentes em conjunto. Dotado de uma poderosa capacidade de atenção e concentração, é notável a maestria com que sempre se atirou aos textos, como leitor privilegiado. Foi assim desde estudante, tanto com relação às obras de sua especialidade, quanto a quaisquer outras, de história, literatura ou política. Daí o cabedal enorme que juntou e sempre explorou de maneira penetrante, graças a uma segunda qualidade: o poder de penetração analítica, que lhe permite chegar ao fundo dos problemas. Em terceiro lugar eu mencionaria o dom de correlacionar, que lhe permitiu efetuar sínteses harmoniosas de teorias e pontos de vista nem sempre afins, mas que ele decantou em combinações originais de raro poder explicativo. Penso, por exemplo, em pensadores como Marx, Durkheim e Weber, vistos freqüentemente no que têm de diferente uns dos outros, mas que ele soube passar pela máquina poderosa, seletiva e ao mesmo tempo integradora da sua inteligência, transformando-os em elementos de uma visão compreensiva.

Sobre esta base, que estou simplificando para poder ressaltar as linhas gerais, Florestan Fernandes foi se inclinando cada vez mais na segunda fase da sua carreira para o marxismo, que sempre versara desde moço e do estudo precoce dos escritos de Marx, inclusive a notável análise que escreveu sobre *Crítica da economia política*. Nesta segunda fase surge um marxista aberto e compreensivo, justamente porque despi-do de sectarismo teórico e embebido de sugestões oriundas de outras fontes. Como Caio Prado Júnior, mas com maior amplitude de propósitos, ele forjou um instrumento analítico e interpretativo de corte marxista, capaz de abolir qualquer imposição dogmática e de se abrir para as lições da realidade objetivamente observada.

Ao lado dessa rotação teórica, convém assinalar uma rotação paralela no domínio dos temas de investigação. Na fase inicial, Florestan Fernandes se tornou famoso, aqui e no exterior, devido sobretudo aos trabalhos admiráveis de reconstrução histórica e análise etnológica sobre a organização social dos Tupinambá. Os documentos restantes sobre esses índios de tanta importância na história do Brasil eram conhecidos e explorados, mas considerados insuficientes para se conhecer a sua organização. Daí os numerosos estudos parciais sobre aspectos de sua cultura, como os de Métraux. É que faltava, aos estudiosos brasileiros e estrangeiros, a força analítica e a imaginação sociológica com que ele operou uma verdadeira quadratura do círculo, produzindo aos 27 anos o livro inovador e cientificamente revolucionário, cujo título era para os especialistas uma verdadeira provocação intelectual: *A organização social dos Tupinambá*. A estes dedicou outra obra fundamental sobre a função social da guerra e tirou-se consequências teóricas num terceiro trabalho, explorando a fundo as possibilidades proporcionadas pelo funcionalismo no estudo das fontes.

Simplificando, eu diria que a partir dali, isto é, dos anos de 1950, deu-se a rotação dos temas e Florestan Fernandes se empenhou numa realidade dramática do nosso tempo: a situação do negro no Brasil. Associado ao nosso mestre Roger Bastide na pesquisa sobre relações raciais promovida pela Unesco, ele se tornou um dos mais importantes conhecedores e analistas desse gravíssimo problema social e transitou do passado ao coração mais dramático do presente. Assim, o teórico que estava privilegiando cada vez mais a visão marxista se associava ao pesquisador que privilegiava cada vez mais o estudo da situação contemporânea. Estava portanto pronto o terceiro Florestan Fernandes, o da maturidade, a partir dos anos de 1960. Este foi, por exemplo, o da luta pela escola pública, em cuja defesa percorreu o país numa campanha memorável; foi o dos pronunciamentos de corte socialista, que levaram a ditadura a submetê-lo, em 1964, ao inquérito policial-militar e, ante a sua firme reação de infconformismo e destemor, a detê-lo num quartel do Exército. O desfecho veio em 1969: a aposentadoria punitiva, que o obrigou a viver alguns anos no exterior.

Na fase mais recente de sua carreira, Florestan Fernandes acentuou a disposição de assumir no âmbito mais largo da sociedade posições regidas pelos pressupostos socialistas, aplicando-se a temas de relevo político na ação e na produção, como é o caso do estudo magistral sobre a República de Cuba ou as análises da realidade política brasileira. Eu costumava dizer que, sem pertencer a nenhum partido, ele se tornou com o tempo uma espécie de partido individual, pois as suas palavras e as suas ações valiam pela de uma agremiação aguerrida e consciente. Sob este aspecto, é preciso dizer que a atitude política foi sempre um baixo-contínuo na sua vida de lutador no campo da educação e da cultura. Mas finalmente ele decidiu adotar um enquadramento partidário e entrou para o Partido dos Trabalhadores, do qual tem sido um dos militantes mais capazes e fecundos, eleito e reeleito deputado federal. Não me cabe assumir a tarefa de outros, falando da sua atuação no Congresso Nacional. Cabe-me apenas dizer que como deputado socialista Florestan Fernandes efetuou um movimento culminante na sua luta, inclusive porque se tornou simultaneamente um dos jornalistas políticos mais eficientes e penetrantes que temos tido, forjando um instrumento ajustado ao combate pela imprensa e se tornando, junto a públicos vastos, intérprete do que se poderia chamar de pensamento socialista quotidiano. Da sala de aula ao grande público, ele modulou em escala cada vez mais ampla a sua atuação de analista da sociedade e de combatente do socialismo.

Antonio Candido de Mello e Souza é professor aposentado de teoria literária e literatura comparada da Universidade de São Paulo.

ADEUS

Miriam Limoeiro Cardoso

Florestan morreu. A dor que essa perda causa em nós é imensa e está espalhada em cada canto do país, partilhada por tantos, que se contam aos milhares, não só estudantes, não só operários, não só intelectuais, não só militantes mais e menos revolucionários, não só simples donas-de-casa e homens do povo.

Morte prematura. Nem tivemos a oportunidade de saber se ele resistiria, se sua capacidade de transformar fraqueza em força o faria mais uma vez renascer. Ele que buscou incessantemente a verdade, encontrou a morte num erro, erro que não foi dele. É trágico, revolta, torna ainda mais difícil suportar esse fim.

Seu lugar ficou vazio.

Florestan foi um fazedor de caminhos. Enfrentando toda sorte de dificuldades, abriu caminhos para si mesmo, para a Ciência Social, para a educação pública, para a universidade, para o socialismo.

A adversidade, em vez de o abater, o estimulava. Sabia que era preciso entendê-la para poder vencê-la. Trabalhava o tempo todo, sem trégua, pensando, estudando, pesquisando, para alcançar esse entendimento e oferecê-lo à prática. Quando a ditadura o perseguiu e tentou calar a sua voz, não se calou, respon-

deu com produção ainda maior.

Seu modo de ser, sua reflexão criadora e seu compromisso político se entrecruzam e se integram, fazendo dele um Homem de verdade, raro.

Talvez uma de suas obras mais notáveis tenha sido a vida que soube construir para si próprio e a pessoa que soube tornar-se. Lutou sempre, incansavelmente, obstinadamente às vezes. Lutou contra as condições pesadamente adversas que a situação pessoal e social que herdara lhe impunham. Mas se manteve fiel à sua origem humilde, tomando como dever representar aqueles com os quais ela o identificava, e o fez com vigor e com alegria. Ele os amava. E jamais tomou como seus os valores dominantes que lhe abririam vias mais fáceis para a aceitação e a ascensão social.

Dignidade e integridade o distinguem como pessoa. Era homem de princípios, que o orientavam de fato em todos os planos da sua vida. Homem que não fazia concessões e não se deixava vergar, seja pelo poder, seja por interesses mesquinhos. Sendo ele assim, não é difícil entender por que alguns o temiam ou mesmo não o toleravam, mas também por que tantos o admiravam e o amavam e vão continuar a admirá-lo e a amá-lo.

A preocupação ética o acompanhava também no seu trabalho

intelectual e político. Entendia que ciência e ordem social iníqua são eticamente incompatíveis e, portanto, que a liberdade, a crítica e o compromisso social são condição da atividade intelectual e científica. Conseqüentemente, Florestan Fernandes era muito exigente consigo mesmo. Buscou sempre uma prática intelectual/política que lhe permitisse produzir o máximo de conhecimento rigoroso necessário à transformação da sociedade, conhecimento capaz de oferecer suporte “para abrir ou aprofundar rupturas com a ordem”, procurando ampliar tanto quanto possível o alcance desse conhecimento para despertar consciências, no rumo da construção de uma sociedade nova e de homens comprometidos com essa construção.

Florestan Fernandes era socialista. Durante quatro anos de sua juventude, participou do movimento trotskista. Em seguida, admitiu que poderia ser mais útil como intelectual do que na militância direta, mas sem perder de vista o horizonte da luta pelo socialismo. Mais recentemente, retornou à atividade política como tal, exercendo um grande trabalho pedagógico/político através da publicação periódica de seus textos em grandes jornais e se tornando parlamentar pelo Partido dos Trabalhadores, como deputado federal constituinte e

num segundo mandato como deputado federal.

Crítico severo do capitalismo, não acreditava que as injustiças e a opressão geradas pela ordem capitalista pudessem ser equacionadas e resolvidas dentro desta mesma ordem. Foi permanentemente um militante pela liberdade, pela democracia da maioria e pela revolução socialista.

Florestan amou sobretudo a liberdade. Num mundo tão opressor e tão indigente de coragem e de lucidez, alguém como ele vai fazer falta, muita falta.

Florestan Fernandes é o nome maior da sociologia no Brasil. Sua produção científica, cujo reconhecimento ainda não alcançou a medida real do seu valor, o coloca entre os grandes da Ciência Social mundial. Ele foi, sim, um formador, um mestre, mas foi, acima de tudo, um cientista, um grande cientista.

Na universidade, não se contentou com abrir espaço apenas para a sua própria afirmação profissional. Dedicou-se a formar pessoas, educando-as para a tarefa científica, inculcando-lhes a necessidade da formação em profundidade, do rigor e da disciplina para a investigação científica sistemática. Incentivador do trabalho coletivo, não exigia, porém, identidades, mas reconhecia e aceitava de bom grado as diferenças. Seu intuito era constituir equipes de trabalho capazes de produção autônoma e de alto nível, para o que oferecia os maiores estímulos de que pudesse dispor.

A sua atividade formadora, no entanto, foi ainda mais ampla. Foi um ardoroso defensor da educação pública e gratuita no Brasil, tendo participado ativamente das lutas desta causa, seja na Campanha de Defesa da Escola Pública, seja na elaboração da Constituição de 1988 ou nos encaminhamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ainda não concluída. E foi

um construtor de espaços institucionais para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino das Ciências Sociais. Sua contribuição para a construção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo foi, neste sentido, enorme e ímpar. Dela se afastou quando foi compulsoriamente “aposentado” pelo AI-5 em abril de 1969 e, anos mais tarde, por decisão própria, ao reconhecer os limites institucionais e o isolamento cultural da universidade.

Florestan Fernandes foi um fundador de ciência. Ele sabia que estava implantando a sociologia e a investigação sociológica científica em nosso meio. Mas seu trabalho na área da ciência produziu frutos ainda maiores e mais belos. Seu esforço intelectual concretizou-se numa obra que não é somente vasta, mas é de ponta e, acima de tudo, é definidora de uma problemática nova, a partir da qual e dentro da qual se passou a pensar o Brasil e o capitalismo dependente. Ele é o autor, na ciência, de um universo de problemas original e fecundo. Não mais as origens, as três raças e a miscigenação, conforme um viajante de outrora, que havia recomendado como se devia estudar a história do país. Não mais a tentativa de marcação de traços psicológicos trazidos para o campo social. Mas sim uma problematização sociológica, ao nível macro-histórico e estrutural, das questões vivas e candentes da sociedade, na época. E mais, tais questões problematizadas com rigor conceitual e com tratamento analítico compatível com a teorização explicativa que se espera de procedimentos científicos. Deve-se acrescentar que isso tudo ele fez mantendo uma grande coerência interna, coerência que deriva da perspectiva sob a qual ele trabalhou desde sempre, a ótica dos dominados e dos excluídos, do ponto de vista da transformação social.

Quando a sociologia no Brasil se desloca deste para outros universos de problemas, faz uma opção, a qual se afirma negando — e, se possível, esquecendo e fazendo esquecer — a problemática florestaniana e toda a sua coerência teórica, metodológica e política, o que seguramente não deixa de ter nítido significado teórico, metodológico e político.

A problemática constituída por Florestan Fernandes não se esgotou. Não somente porque é parte de uma obra científica de valor, que, como tal, é perene, mas porque permite pensar fundamentamente, entender e explicar a sociedade viva e em movimento da qual fazemos parte. Essa problemática não é, portanto, um arcaísmo, ela não é apenas coisa do passado. As formas, os conflitos e as lutas presentes se esclarecem quando colocados sob a sua reflexão e a sua luz. Trabalhando com essa problemática, fica fácil perceber, nela e com ela, que Florestan está vivo!

Devemos, portanto, falar de Florestan Fernandes no presente. Sua obra está inscrita definitivamente na construção da Ciência Social. Seu modo de ser está marcado naqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele, naqueles que ouviram a sua voz ou acompanharam os seus gestos e os seus sonhos, e permanecerá como exemplo de uma vida toda vivida no mais alto nível de integridade pessoal, intelectual e política.

E, como ele costumava dizer ultimamente, enfrentando sempre tão digna e corajosamente a doença e seus continuados e atroz sofrimentos: É preciso ter paciência! E continuar lutando!

Miriam Limoeiro Cardoso é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais. Atualmente desenvolve a pesquisa “Para uma história do socialismo no Brasil: a obra de Florestan Fernandes”.

CONFLUÊNCIAS E CONTRAÇÕES DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA

Jacob Gorender

A atividade de Florestan Fernandes como sociólogo - desenvolvida nas funções de professor, teórico e pesquisador - ficou marcada pela polarização entre as atrações do marxismo, enquanto doutrina da militância revolucionária, e a sociologia, enquanto disciplina acadêmica.

Conforme afirmou em várias entrevistas, a origem social o levou, em sua juventude, a sentir a forte atração do marxismo, com a conseqüente atuação num grupo trotskista clandestino, sob cuja orientação se dedicou à luta democrática contra o Estado Novo. Essa atração do marxismo não se esgotou com a juventude, como acontece com tantos intelectuais. Ela se exerceria por toda a vida, até o último minuto.

Se o marxismo representou escolha iniciante, a sociologia veio como vocação acadêmica, como eleição de carreira científica.

Florestan se empenhou na tarefa de colocar a atividade sociológica universitária sobre bases teóricas o mais possível coerentes. Decerto, não se encontrava solitário em semelhante empenho, uma vez que a ele se entregaram tantos dos grandes nomes da sociologia no exterior e também no Brasil. Mas ao sociólogo paulista cabe o mérito inegável de haver dado a contribuição principal à edificação conceitual e metodológica da disciplina em nosso país. Contribuição tão notável que ultrapassa o âmbito nacional e se integra no acervo internacional da sociologia.

A questão sempre presente em sua obra - seja nos livros de conceituação metodológica, seja nas pesquisas concretas - é a de como a sociologia pode e deve ser uma ciência, capaz de satisfazer às exigências categóricas impostas a toda ciência. Mas tam-

bém sempre presente esteve a atração original do marxismo. Tal polarização poderia conduzir a incongruências e dilacerações esterilizantes. Não foi o caso de Florestan. Dedicou sua enorme capacidade de trabalho ao objetivo de substituir contradições por confluências. Nem sempre o esforço se revelou bem-sucedido. Nem todas as contradições da polarização intelectual puderam ser efetivamente superadas. Mas o resultado de tal esforço é admirável, entre outras muitas razões, precisamente pelo fato de que não apaga os vincos da polarização e de suas contradições intrínsecas.

A questão mencionada inexistente para os marxistas, que identificam o materialismo histórico com a própria sociologia científica. O mais, para esses marxistas, seriam problemas de procedimento na pesquisa empírica, porém nunca questionamentos teóricos. Tal enfoque pôde ser fecundo nos países capitalistas, onde o marxismo por natureza assume uma postura crítica e revolucionária. Se pôde ser fecundo, não o foi, porém, naqueles casos, tão freqüentes, nos quais a paixão dogmática prevaleceu sobre o imperativo da fidelidade aos fatos objetivos. Já na antiga União Soviética e nos demais regimes comunistas do Leste europeu, o marxismo, uma vez convertido em doutrina oficial, ficou impedido da postura crítica e se esterilizou enquanto corpo teórico inspirador da pesquisa sociológica. Ali, simultaneamente, se asfixiou o marxismo e se cortou pela raiz a própria possibilidade de uma sociologia.

A solução escolhida por Florestan consistiu em fazer de Marx um dos três fundadores da sociologia, em companhia de Émile Durkheim e de Max Weber. Assim, no plano da teoria, o materialis-

mo histórico comparece a par com o funcionalismo positivista e com a sociologia compreensiva.

Os três elementos não poderiam fundir-se numa síntese na qual perderiam as identidades originais e dariam lugar a algo com características inteiramente novas. No plano mais rigoroso da teoria, materialismo histórico, sociologia dos tipos ideais e sociologia funcionalista não teriam como ser combinados a fim de engendrar um corpo doutrinário, que, ao mesmo tempo, conservasse e superasse a contribuição de cada uma dessas teorias fundantes.

Foi possível, porém, fazê-las confluir para a constituição compósita de um cânone metodológico. Num obra densa, publicada em 1963, Florestan realizou a façanha de explorar a riqueza canônica das três teorias, de extrair delas o que considerou mais germinativo para a pesquisa das relações sociais e propor uma norma pluralista para a sociologia. Adotada por Florestan e por seus discípulos, a confluência metodológica se comprovou proficiente.

Decerto, a confluência continha dificuldades e mesmo obstáculos insuperáveis, próprios das composições ecléticas. Mas abria espaço para a pesquisa e a explicação sociológica, fornecendo-lhe fundamentos empíricos. Foi esta a base doutrinária em que assentou a escola sociológica paulista, da qual coube a Florestan a liderança indiscutível e respeitada. Sua influência se fez sentir com o mesmo vigor liderante para além do âmbito da sociologia, estendendo-se à antropologia e à historiografia.

Pode-se afirmar que a carreira acadêmica permitiu a Florestan a realização de uma obra de alta significação para a cultura brasileira, com a ressalva por si mesma evidente de que a carreira acadêmica não seria uma condição suficiente. O que houve de importante consistiu em que ela salvou Florestan da submissão ao marxismo dogmático imperante em nosso país, de tal maneira sufocante que se contam pelos dedos de uma só mão os intelectuais comunistas que, durante décadas, conseguiram produzir uma obra relevante. Condição necessária foram também, como não poderia deixar de ser, o talento pessoal e a determinação para um trabalho incansável.

Observe-se que, dez anos depois de Florestan e, ao que tudo indica, sem conhecê-lo, o sociólogo britânico Anthony Giddens levou a termo o mesmo empreendimento de exame das contribuições de Marx, Durkheim e Max Weber à moderna teoria sociológica. Giddens seguiu inspiração própria, que

não cabe aqui avaliar, mas é notável que houvesse percorrido exatamente a mesma trilha seguida pelo colega brasileiro com um decênio de antecedência. O que denota, sem dúvida, a força da percepção intelectual do mestre paulista, bem como sua extraordinária afinação com a contemporaneidade.

Contudo, o marxismo não foi para Florestan tão somente uma das três vertentes confluentes do método sociológico. O marxismo teve para ele a significação singular e única de indicador dos temas de pesquisa, de crivo inicial das opções de investigação. Na condição de líder de uma escola de pensamento social, sua orientação se imprimiu na atividade de vários dos mais destacados sociólogos brasileiros. O próprio Florestan produziu trabalhos de grande envergadura sobre as questões em cuja priorização teve influência decisiva sua formação marxista. Questões como as de segmentos discriminados da sociedade brasileira, ou seja, os índios e os negros. Ou questões de relevância abrangente para o entendimento de nossa história e

da nossa vida social, como as da revolução burguesa, das classes sociais e do poder político num país dependente, do imperialismo e do desenvolvimento econômico numa situação de atraso histórico, da ditadura militar e da reconstrução democrática numa sociedade impregnada pela tradição autoritária das classes dominantes.

O mais notável foi, todavia, que Florestan houvesse acentuado sua orientação marxista neste final do nosso século XX abreviado, precisamente quando ruíam o Muro de Berlim e os regimes comunistas do Leste eu-

ropeu. Sua convicção socialista se fortaleceu precisamente no momento em que passou a lavrar confusão tremenda na esquerda mundial (ainda persistente), induzindo reações de ceticismo, de desânimo e, não raro, de mudança de campo ideológico. Já afetado pela enfermidade que lhe havia de ser fatal, o professor universitário se dedicou inteiramente à militância política, colocando seu prestígio e fazendo ouvir sua voz a favor dos oprimidos, daqueles que caracterizava como os “de baixo”. No parlamento, nas instâncias do partido ao qual se filiou, nos sindicatos e nas escolas, na coluna de jornal, envolveu-se por inteiro na luta de classes e deixou uma lição de agudeza intelectual, de firmeza política e de integridade moral.

Jacob Gorender é historiador, professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

O marxismo não foi para Florestan tão-somente uma das três vertentes confluentes do método sociológico. O marxismo teve para ele a significação singular e única de indicador dos temas de pesquisa, de crivo inicial das opções de investigação.

FLORESTAN FERNANDES E O SOCIALISMO

Oswaldo Coggiola

Um dos conceitos preferidos e mais reiteradamente utilizados por Florestan Fernandes, quer na sua obra sociológica, quer naquela propriamente política, era o de “desenvolvimento desigual e combinado”. Ele está presente na maioria de seus escritos de fôlego, às vezes explicitamente, e às vezes de modo implícito, como no primeiro parágrafo da sua contribuição na famosa coletânea sobre o Brasil, publicada em *Les Temps Modernes* em 1967: “Brasil vive, simultaneamente, em várias idades histórico-sociais. Presente, passado e futuro se entrecruzam e confundem, de tal modo que é possível passar de um estágio histórico para outro através do meio mais simples: o do deslocamento no espaço”.

Florestan e o PSR

Não é em absoluto irônico que, na hora da sua morte e do balanço apressado da sua obra e do seu significado para o Brasil, o próprio Florestan fosse considerado como uma expressão dessa “lei”, ao ser qualificado como “um dos demiurgos do Brasil moderno”, e como o mais irredutivelmente socialista dos seus intelectuais, ou seja,

como portador simultâneo (“combinado”) da “modernidade” (burguesa) e da sua negação socialista. Se, por um lado, temos aqui o nó da contradição à qual viu-se confrontado, ao longo de toda a sua trajetória, aquele que não poucos consideram o maior intelectual brasileiro do século, temos também, por outro lado, uma das chaves para entender a relação entre o pensamento de Florestan e a luta pelo socialismo no Brasil.

O conceito citado anteriormente pertence ao arsenal do pensamento de Trótski, e a própria relação de Florestan com o socialismo só se deixa entender pela sua militância inicial (isto é, que precedeu à sua trajetória acadêmica) nos anos 40, no Partido Socialista Revolucionário, seção brasileira da IV Internacional fundada por Leão Trótski em 1938, liderada por Hermínio Sacchetta até a sua dissolução, no início dos anos 50.

Embora o PSR nunca atingisse uma estatura político-organizativa realmente partidária, a militância nele marcou Florestan de um modo em absoluto superficial. Ele próprio se referiu verbalmente ao assunto, em palestra num curso de pós-graduação ministrado por Carlos Guilherme Mota, no Departamento de História da USP, no segundo semes-

tre de 1981, quando relatou a “crise de consciência” que lhe provocou a sua saída do PSR no início dos anos 50, para cumprir com obrigações decorrentes da carreira acadêmica, então nos seus primórdios (manifestou também o seu agradecimento retroativo ao apoio que Antonio Candido lhe dera na ocasião). Em 1986, agora por escrito, voltou a adotar o tom confessional para referir-se a essa transição decisiva, que o marcaria para o restante da sua existência:

“Passado o período de militância, defrontei-me com uma acomodação improdutiva: ou ser militante, com o sacrifício de minhas possibilidades intelectuais, ou ser universitário, com atividades políticas de fachada, mistificadoras. Uma tormentosa crise foi resolvida com a generosidade dos companheiros políticos, que viam claro a realidade: a esquerda ainda não possuía partidos que pudessem aproveitar o intelectual rebelde de forma produtiva para o pensamento político revolucionário. Por sua vez, Antonio Candido ajudou-me a conviver com feridas e frustrações, que sugiam como um pesadelo e me levaram a sublimar a castração política parcial com uma prática exigente e (acredito) autopunitiva do significado da responsabilidade do intelectual”.

O “intelectual inorgânico”

Em 1981 ainda, Florestan explicou que, superado o dilema inicial, e já de retorno de uma experiência acadêmica no exterior, defrontou-se com a inexistência no Brasil de um partido de esquerda ao qual pudesse servir de “intelectual orgânico”, fora do próprio PCB (do qual rejeitava a sua natureza stalinista). Os depoimentos de contemporâneos e a pesquisa deveriam, hoje, ajudar a reconstituir a passagem de Florestan pelo PSR, que teve para ele pelo menos tanta importância, na sua opção político-intelectual ulterior, quanto a sua origem social na classe operária, filho de uma lavadeira portuguesa e obrigado a trabalhar desde criança. A militância no PSR durou uma década (desde 1942-3 até 1952), também os anos de formação do Florestan intelectual e acadêmico (que lecionou na Faculdade de Filosofia a partir de 1945). Em 1991, Florestan voltou sobre esse período, em depoimento a *Teoria & Debate*:

“Comecei a frequentar as redações de *O Estado de S. Paulo*, e principalmente da *Folha da Manhã*, onde conheci o Hermínio Sacchetta, que era líder do movimento trotskista, ligado à IV Internacional. Assim, em 43 me tornei militante do Partido Socialista Revolucionário na célula a que pertenciam o Sacchetta, Rocha Barros, Plínio Gomes de Mello, Vítor de Azevedo e José Stacchini... Os comunistas levavam as pessoas para reuniões, festas, conferências, mas havia um elemento autoritário que eu repelia. Com a filiação ao PSR, a seção brasileira da IV Internacional, minha militância se tornou sistemática. Nessa época, fiz a tradução da *Crítica da economia política*, de Marx... (no PSR) Eu me mantive até o início dos anos 50. Aí os

próprios companheiros acharam que não seria conveniente que eu desperdiçasse o tempo em um movimento de pequeno alcance, quando podia me dedicar a trabalhos de maior envergadura na universidade. O Sacchetta, que era um homem esclarecido, me aconselhou: “É melhor você se afastar da organização e se dedicar à universidade, que vai ser mais importante para nós”.

A partir daí, teria início o dilema que preocupou e, visivelmente (pela frequência com que apa-

Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: fundar uma sociologia científica no Brasil; fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista e fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira.

rece nos seus trabalhos e depoimentos), até atormentou Florestan Fernandes, durante toda a sua existência: o da unidade entre teoria e prática, sob o ângulo de um intelectual, ou seja, não apenas o do “engajamento” político-social, mas também o da perspectiva teórica a ser adotada no trabalho intelectual, e a vinculação deste com o desenvolvimento histórico real. São constantes as suas referências a uma situação histórica que, nas suas próprias palavras, “arranca o sociólogo do ga-

binete, integrando-o nos processos de mudança social, fazendo-o sentir-se como alguém que possui o que dizer e que, eventualmente, poderá ser ouvido... A sociedade, que não lhe pode conferir sossego e segurança, coloca-o numa posição que o projeta no âmago dos grandes processos históricos em efervescência”.

Florestan defrontou-se com uma tarefa tríplice: 1) fundar uma sociologia científica no Brasil; 2) fazê-lo com base no desenvolvimento do pensamento marxista; 3) fazer ambas as coisas combatendo o dogmatismo, de cunho stalinista, perigo inevitável diante da preponderância do PCB na intelectualidade de esquerda brasileira. Levou-a ele adiante caindo numa espécie de ecletismo teórico, como parece sugerir Carlos Guilherme Mota? Ou a sua vinculação com as “ciências sociais” obedeceu ao padrão definido pelo sociólogo (e, então, também trotskista) Pierre Fougeyrollas: “A pretensa conciliação entre ciências sociais e marxismo é comparável ao casamento da água com o fogo, cujo resultado só poderia ser a extinção do fogo. Entre a ideologia das ciências sociais e o marxismo é preciso escolher. Escolhendo o marxismo, é possível integrar os saberes fragmentários fornecidos pelas ciências sociais. Escolhendo as ciências sociais como tais, é completamente impossível integrar o marxismo”.

Florestan foi sempre consciente da separação total entre a sociologia marxista e a não-marxista, partidário declarado da primeira, o que lhe forneceu o conceito-chave para a sua análise diferenciada da “revolução burguesa no Brasil”, definido nestes termos: “Fora da sociologia marxista prevalece o intento de explicar a revolução burguesa somente pelo passado (especialmente pela vitória sobre uma aristocracia deca-

dente e reacionária, variavelmente anticapitalista), ignorando-se ou esquecendo-se a outra face da moeda, com frequência mais decisiva: a imposição da dominação burguesa à classe operária”.

Sociologia e política

Não parece, portanto, que tenha estado entre as suas intenções a elaboração de uma “síntese original” entre “Wright Mills, Thorstein Veblen, Max Weber, Karl Mannheim e Karl Marx” para analisar o Brasil, como afirma Emília Viotti da Costa, embora ela acerte em situar o dilema central de Florestan e seu contexto histórico-social:

“Como conciliar rigor acadêmico e militância política é uma questão que tem atormentado, senão mesmo paralisado, muitos intelectuais do nosso tempo. São poucos os que, como Florestan Fernandes, conseguiram satisfazer as demandas, por vezes contraditórias, desses dois tipos de envolvimento. A maioria acabou por sucumbir ao desafio, ou abandonou o trabalho intelectual para dedicar-se à política, ou sacrificou a militância às exigências da academia. Esse dilema é peculiar ao nosso tempo, quando o intelectual se profissionalizou e suas atividades como professor, pesquisador e escritor tornaram-se cada vez mais absorventes, em detrimento do engajamento político”.

A tarefa múltipla

Vejam os mais de perto a tríplice tarefa com que se defrontou a obra de Florestan. De um lado, ele é legitimamente considerado como o principal introdutor da “sociologia moderna” no Brasil. No entanto, ele não se fazia ilusões sobre essa sociologia, cujas origens históricas na crise do capitalismo e da necessidade desse sistema de adequar-se a ela, ele sabia reconhecer: “A so-

ciologia nasceu da crise do sistema capitalista moderno, no século XIX, como um conjunto de preocupações que apanham a mudança. Trata-se de um sistema de civilização que necessita da mudança para se manter em equilíbrio. O essencial é partir da idéia de sociedades que mudam, que, quando não se transformam, se enfraquecem”. Florestan nada teria oposto à conhecida definição de Anísio Teixeira: “Em rigor, as ciências sociais são ciências políticas, só podendo ser aplicadas quando forem aceitas

*De um lado, ele
(Florestan) é
legitimamente
considerado como o
principal introdutor
da “sociologia
moderna” no Brasil.
No entanto, ele não se
fazia ilusões sobre
essa sociologia.*

politicamente, ou seja, quando aceitas pela estrutura do poder”.

Isto significa uma tarefa dupla, ou um desdobramento necessário da tarefa inicial: induzir, junto à necessária introdução da “modernidade sociológica” (sem a qual o pensamento brasileiro ficaria atrelado ao padrão tradicionalista), a sua própria crítica. Esta provinha, simultaneamente, de um campo exterior à sociologia acadêmica (o marxismo, que em Florestan precedeu à sociologia) e de um campo interior, como manifestação da autoconsciência da crise sociológica, tal como foi sintetizado pelo seu discípulo Octávio Ianni: “Estamos assistindo

à decadência da “imaginação sociológica”. Com a implantação e expansão da divisão do trabalho no campo das ciências humanas, com a institucionalização dessa atividade científica, com a redefinição social dos significados políticos do conhecimento relativo ao social, abandonam-se paulatinamente as possibilidades abertas pelos pioneiros das ciências humanas. Em especial, procura-se abandonar a problemática dos clássicos e a compreensão básica dos tipos de vinculação dos homens entre si e com as configurações histórico-estruturais”.

A possibilidade de sair dessa ambigüidade situacional estaria dada pela prática do que um analista da obra de Florestan definiu como “saber militante”, ou seja, através de uma “sociologia engajada”, cujo padrão básico fora definido por T. B. Bottomore em 1974: “O teste básico de qualquer ‘teoria crítica’ ou ‘sociologia de oposição’ só pode ser o desenvolvimento ou o fracasso em desenvolver movimentos sociais de ampla escala, que busquem criar, e comecem a fazê-lo na prática, uma forma de vida social igualitária, não coercitiva. Neste meio-tempo a teoria permanece hipotética. O que justifica a sua existência atualmente e torna tal investigação teórica válida é a potencialidade que se manifestou no movimento operário e nos novos movimentos sociais da década passada no sentido de uma atividade renovada para transformar a sociedade”.

Num escrito de 1967, Florestan nomeava esperançosamente os potenciais membros da “escola” para a qual se considerava “fio condutor”: “Servi como uma espécie de fio condutor, ligando hipóteses e conclusões fundamentadas em várias investigações, realizadas por mim ou por Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni, Luiz Pereira, Marialice Mencarini Foracchi, Paulo Singer, Juarez Brandão Lopes,

Leôncio Martins Rodrigues Neto, Maria Sylvia Carvalho Franco Moreira, Roberto Cardoso de Oliveira, José Carlos Pereira, José de Souza Martins, José Cesar Aprilanti Gnaccarini, Gabriel Cohn e vários outros colegas (alguns de outras cadeiras, como Francisco C. Weffort, Fernando Novaes, Emília Viotti da Costa, Nícia Vilela Luz, Gioconda Mussolini, Eunice Ribeiro Durhan etc.) É provável que, no futuro, se possa ir mais longe, corrigindo-se as lacunas do esquema de referência que tentei construir sobre fundamentos ainda relativamente precários”.

Como é bem sabido, as identidades políticas construídas pelos membros desse grupo foram as mais diversas, sendo as mais notórias (a começar pelo próprio FHC) diametralmente opostas aos anseios políticos de Florestan. Como quer que seja, nos anos seguintes Florestan seria muito otimista quanto ao futuro rumo político da *intelligentsia* latino-americana e brasileira, em especial sob a influência da revolução cubana, que teria dado “alento às correntes sociais que não se empenhavam, apenas, em combater ‘os problemas humanos do subdesenvolvimento’, mas em corrigir, simultaneamente, os dilemas materiais e morais da ordem social capitalista; e compeliu os ‘círculos de esquerda’, de diversos matizes, a reverem e a modificarem a estratégia anterior, de contenção do radicalismo político e de apoio decidido a um nacionalismo econômico desproporcionalmente benéfico aos interesses empresariais”.

Nesse quadro, e contra o pano-de-fundo das ditaduras militares, um importante papel histórica estava reservado aos intelectuais. Sobre esse papel potencial, Florestan se expressou em termos claramente otimistas: “As ditaduras militares atuais e seus possíveis sucedâneos não podem evitar um colapso futuro (que poderia

ser evitado unicamente se uma revolução burguesa autônoma ocorresse, como sucedeu nos Estados Unidos e no Japão). A consciência política de tal situação histórica não foi alcançada por todos os intelectuais. No entanto, os círculos intelectuais mais maduros e resolutos da *intelligentsia* latino-americana estão aprendendo, através de experiências concretas. De um lado, estão descobrindo os meios potenciais da revolução socialista na América Latina (tão diversos dos modelos ‘clássicos’ já conhecidos). Por outro lado, estão acumulando novos conhecimentos sobre a estrutura e a dinâmica do sistema de classe sob o capitalismo dependente, ou seja, conhecimentos que constituirão a base para uma teoria viável da revolução socialista na América Latina”.

Intelectuais e socialismo

Uma década depois, Florestan constatava que o colapso das ditaduras não realizava essas previsões, muito especialmente no que diz respeito à inevitável radicalização política da *intelligentsia*. Ele atribuiu às mudanças estruturais do capitalismo a raiz desse processo: “No presente, o capitalismo oligopolista vinculado à automatização e à administração informatizada aumentou, sob esse aspecto, o espaço da classe dominante e reduziu drasticamente a capacidade de iniciativa dos de baixo”.

Por outro lado, deve-se constatar que as condições de miséria social que, no seu momento, precederam o surgimento da “sociologia crítica” não fizeram senão piorar. Essas mesmas condições, combinadas com a crise política das ditaduras (o seu “colapso”), foram palco do nascimento de movimentos inéditos dos trabalhadores, pela sua amplitude e profundidade, que propiciaram, por exemplo, no Brasil, o surgimento da CUT e do PT. As condições objetivas e subjetivas que deveriam favorecer um engaja-

mento socialista da intelectualidade, no entanto, produziam o efeito contrário. Florestan constatou claramente: “Muitos intelectuais e políticos da ‘esquerda’ - antigas vítimas da ditadura, lutadores de proa da década de sessenta ou no início dos setenta e grandes esperanças do radicalismo democrático e do socialismo - aderiram a esse jogo, sem rebuços. O mesmo acontece com organizações e entidades políticas que deveriam ser proletárias e se mostram ‘aliancistas’. Ao que parece, o desenraizamento não chegou tão fundo a ponto de desprender os intelectuais rebeldes, os políticos inconformistas e as organizações e entidades revolucionárias da ordem burguesa, identificando-os com o socialismo proletário. Conformam-se aos papéis de campeões da ‘normalidade institucional’, como cauda do movimento político conservador, cérebros do ‘mudancismo’ e mão civil da transição lenta e segura...”

A perspectiva teórica de Florestan se modificava no confronto com o desenvolvimento histórico e a luta de classes. Não foi casual que, no 50º aniversário da morte de Leão Trótski, não vacilasse em repor claramente “o conceito de revolução permanente de Marx e Engels em uma perspectiva simultaneamente teórica e prática, indo ao fundo dos dinamismos coletivos das classes despossuídas na impulsão e na fusão dialética de reforma e revolução sociais”, fazendo desta reposição a base para ser “implacável com os ‘fariseus’ que se proclamam socialistas ou ex-marxistas, mas cerram fileiras com as correntes intelectuais da moda a partir dos centros de produção cultural e de propaganda das nações capitalistas centrais. A democracia que nasce do marxismo nada tem a ver com a democracia plutocrática”.

Com toda essa bagagem, Florestan estava mais do que preparado para denunciar o novo alibi

ideológico do reformismo e do farsaísmo, posicionando-se, nas polémicas ideológicas mais recentes, contra a possibilidade de que “o socialismo desapareça e que o marxismo se torne uma peça de museu, tema de mera reflexão abstrata de historiadores, filósofos e cientistas sociais. Ora, o que é questionável é a existência de um ‘neoliberalismo’. Harold Laski já demonstrou que o liberalismo não sobreviveu à transformação histórica das condições que o engendraram. Hoje, sua argumentação encontra suporte ainda mais sério. Que ‘neoliberalismo’ poderia ajustar-se ao desenvolvimento das multinacionais, à internacionalização do modo de produção capitalista em seu modelo oligopolista e ao sistema de poder que resultou dessas metamorfoses do capital?”

Florestan no PT

De tudo que antecede, se depreende que Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores, sendo seu deputado federal mais votado (depois de Lula) em 1987, exercendo duas vezes esse mandato. No mesmo momento, denunciava que “o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder. A revolução proletária volta-se para a emancipação coletiva dos trabalhadores pelos próprios trabalhadores. Ou o PT decifra a solução correta dessa necessidade histórica na cena brasileira ou ele engrossará as fileiras dos partidos reformistas imantados à ‘reforma capitalista do capitalismo’, ao ‘capitalismo melhorado’ ou ao ‘capitalismo do bem-estar social’. Penso ser esta a principal resposta às indagações, às esperanças e às convicções que nos lançam, dentro do PT, à luta pelo socialismo proletário e revolucionário”.

Há mais de uma década, Florestan Fernandes foi pela primeira vez vítima do colapso do sistema brasileiro de saúde pública, quando, depois de uma operação sem riscos, recebeu uma transfusão de sangue contaminado pelo vírus da hepatite B. A partir desse momento, começou a sofrer sistemáticos problemas de saúde, originados do fígado, que o levaram nos últimos tempos à beira da morte. Os sistemas de detecção do vírus da hepatite B já eram bem conhecidos na época da transfusão, mas não eram aplicados no sistema de saúde pública; isto em plena época do “milagre brasileiro”.

Desde então, a situação piorou, chegando aos níveis do paroxismo, levando a saúde pública brasileira a ostentar índices situados entre os piores do mundo,

vado da sua condição de figura pública e deputado (como o famoso expediente de “furar a fila” dos transplantes) e exigiu ser tratado pelo sistema de saúde pública, como exemplo de luta para a sua defesa. Recentemente, inclusive, recusou a oferta que lhe fizera Fernando Henrique Cardoso, seu antigo aluno e discípulo, para um tratamento *vip* no exterior, sem gastos de sua parte.

A discussão que sua morte deixada será uma ocasião para denunciar a destruição do sistema de saúde pública, a serviço dos grupos capitalistas. “Erro médico” ou “falha de máquina”: até um néscio sabe que quanto pior o funcionamento dos instrumentos e equipamentos (por falta de manutenção) maiores são as chances de erro humano. A atitude valente de Florestan deve ter a merecida resposta dos combatentes que permanecem.

A denúncia do segundo assassinato de Florestan Fernandes deve ser uma plataforma em defesa da saúde e da educação públicas, contra os monopólios capitalistas, contra o imperialismo espoliador do Brasil, contra o governo que impulsiona a política que acelerou a morte do mestre do próprio presidente da República.

Como disse um sindicalista, nem na hora da morte Florestan deixou em paz os inimigos da classe trabalhadora. Ficam conosco o exemplo de uma vida e a fecundidade de uma obra que florescerão nas novas gerações de revolucionários do Brasil e da América Latina, junto aos quais permanecerá como um fermento de revolta e de pensamento crítico, em todas as circunstâncias, para sempre, Florestan Fernandes.

Oswaldo Coggiola é professor do Departamento de História da USP e vice-presidente da Adusp.

Florestan não se incorporou acriticamente ao Partido dos Trabalhadores ... denunciava que “o socialismo comprometido com a democracia burguesa ainda é uma forma de reprodução do sistema capitalista de poder...”.

começando por uma epidemia sistemática de “infecções hospitalares”, que levaram milhares de pacientes à morte como consequência de coisas tão simples quanto uma operação de apendicite. É óbvio que se tratou de uma política consciente de destruição da saúde pública, ao serviço da privatização da saúde, que assistiu à constituição de enormes monopólios de mercadores do corpo (cujas empresas não pagam impostos por serem “serviços de interesse geral”!).

Florestan Fernandes sempre recusou qualquer privilégio deri-

ÁLBUM

Fotos do arquivo da família



Em 1925, aos 5 anos, Florestan Fernandes numa de suas primeiras fotografias. À direita, em 1934, com sua mãe, Dona Maria Fernandes.



Acima, em 1926 (sentado na segunda fila, o terceiro da esquerda para a direita), com a turma do primário do Grupo Escolar Maria José.

Em São João da Boa Vista, Florestan, o segundo da direita para a esquerda, com os companheiros de Madureza.

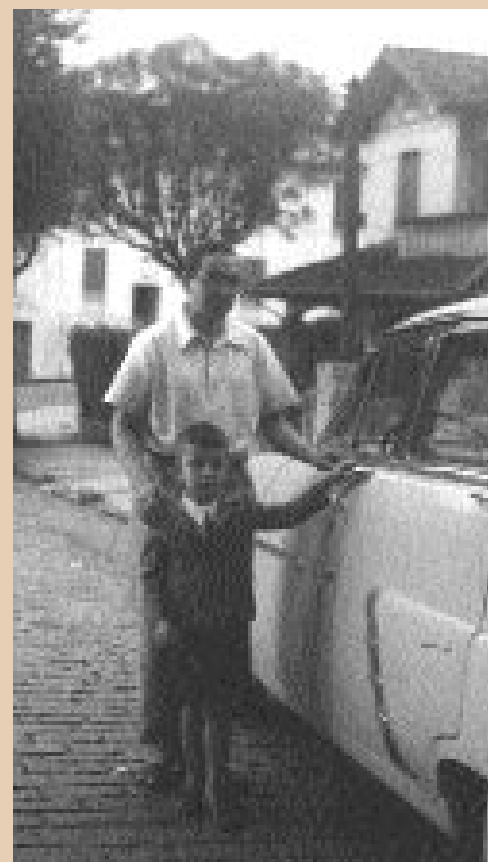




Em 1936, no Tiro de Guerra e, em 1944, com um grupo de estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na divisa do Brasil com o Paraguai.



Na Feira Nacional da Indústria (São Paulo, 1940), Florestan com sua futura esposa, Dona Myrian Rodrigues. Em 1963, com o filho Júnior, na Alameda Jaú.





Durante o primeiro comício da Campanha das Diretas (novembro de 1983/ Praça Charles Müller), Florestan com o filho, Caio Prado Jr. e o publicitário Carlito Maia.

Ao lado, na primeira reunião da campanha eleitoral (1986) e, abaixo, com Antonio Candido e Aziz Ab'Saber, em 1994, na USP, durante o lançamento do livro "13 razões para votar em Lula".



Homenagens

Intelectual coerente

Florestan Fernandes foi um sociólogo coerente com as suas origens populares, de alfaiate, garçom e engraxate. Como intelectual, cumpriu rigorosamente o sentido da palavra "intus-legeris", ou seja, aquele que é capaz de ler por dentro. Toda metodologia que ele adotou na sua sociologia é aquela que nos explica melhor as causas dos problemas e dos fenômenos sociais. Por outro lado, um homem coerente com os seus princípios. Não era daquele que trocava de convicção e de ideologia como quem troca de camisa. Uma pessoa coerente no sentido de que a razão pela qual ele tanto se dedicou à militância e ao trabalho intelectual não só continua a existir, como cresce diariamente, que é a pobreza no mundo e, em especial, no Brasil. Então, nesse sentido, o legado que ele nos deixa é prosseguir nessa luta para superar esse estado de desumanidade da maioria da população. Destaco o tra-

Ronaldo Entler



balho que ele teve como deputado, já que era um excelente e dedicado parlamentar. A participação dele, sobretudo na elaboração da Constituição, foi fundamental para assegurar alguns direitos sociais.

Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto) é escritor, autor de *O paraíso perdido - nos bastidores do socialismo*.

•

Palavra de despedida

Foi-me pedido que falasse em nome da Congregação, dos professores, dos funcionários, dos alunos e dos ex-alunos da Faculdade de Filosofia; que renunciasse, neste momento, a palavra pequena e pobre da hora solene da despedida, hora do silêncio e do pranto.

Difícil palavra porque nos despedimos de alguém que permanece e permanecerá. Em primeiro lugar, palavra de gratidão à Dona Myriam, aos filhos e parentes do professor Florestan Fernandes por terem compartilhado conosco, seus alunos e colegas, o privilégio de com ele conviver e de com ele aprender. Que seja também palavra de apoio e de amizade de todos nós que nele tínhamos o mestre, o amigo e companheiro.

E que seja também uma palavra aos alunos, aos jovens estudantes, que não tiveram o grande privilégio de acompanhar suas aulas, de ouvir suas lições de professor competente e exigente, apaixonado pela causa do ensino e da ciência.

Mesmo do exílio seus alunos e ex-alunos recebiam comentá-

rios longos e cuidadosos, escritos com tinta roxa, sobre os trabalhos que lhe mandavam. O argumento sempre lúcido do amigo que era, do professor que nunca deixou de sê-lo.

Através da obra extensa e rigorosa, o professor continuará ensinando - ensinando a decifrar os enigmas desta complexa sociedade, a entender o nosso povo e o nosso país, a encontrar caminhos e veredas.

O seu legado não se esgota aí, porque ele foi também mestre de vida, de luta contra injustiças, de resistência ao que pudesse arranhar até mesmo os direitos de seus adversários, de empenho obstinado em favor dos direitos dos que, como ele e muitos de nós, vieram dos recantos escuros da sociedade.

O professor Florestan Fernandes nos deixa um imenso legado. Não só legado à universidade e à ciência. Mas ao nosso país, ao qual ofereceu completamente, sem amargura, em retribuição generosa, o que de melhor a vida lhe deu. Tudo retribuiu multiplicado e com grandeza.

Nesse imenso legado a seus alunos e a todos nós, o maior, certamente, é o legado da alegria de lutar pela grande causa da emancipação do homem de todas as carências e de todos os cativeiros - aqueles que se pode ver e os que não se deixam ver, mas oprimem e humilham.

Palavras pronunciadas no velório do professor Florestan Fernandes, no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, no dia 10 de agosto de 1995, pelo professor José de Souza Martins, antigo aluno e assistente do professor Florestan Fernandes na cadeira de Sociologia I.